

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

VIVIANE SAMPAIO

ANTES QUE O AMOR ACABE:
PATRICIA BINS, UMA FOTOBIOGRAFIA

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

VIVIANE SAMPAIO

**ANTES QUE O AMOR ACABE:
PATRICIA BINS, UMA FOTOBIOGRAFIA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Eunice Moreira

Porto Alegre
2019

VIVIANE SAMPAIO

**ANTES QUE O AMOR ACABE:
PATRICIA BINS, UMA FOTOBIOGRAFIA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Maria Eunice Moreira

Prof^a. Dra. Mairim Linck Piva (FURG)

Prof^a. Dra. Mágda Rodrigues da Cunha (FAMECOS/PUCRS)

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e ao DELFOS pelo acolhimento e pelas excelentes condições de trabalho.

À CAPES pelo apoio financeiro¹.

À Prof^a. Dra. Maria Eunice Moreira pela sua orientação, leitura atenta e oportunidade de aprendizado.

À Prof^a. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos pela sua contribuição e comentários, por ocasião da Qualificação.

À Prof^a. Dra. Helenita Rosa Franco e à Ivone Rizzo e família pela colaboração, disponibilidade e apoio.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado tem como objetivo elaborar uma fotobiografia da escritora Patricia Bins (1930 - 2008) a partir da seleção de fotografias de seu acervo que se encontra no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, localizado na Biblioteca Central Ir. José Otão. Uma fotobiografia pode ser compreendida como a narrativa de uma vida a partir de fotografias. A dissertação está organizada em capítulos que tratam, primeiramente, do acervo Patricia Bins no DELFOS, da fundamentação teórica sobre biografismo e, por fim, da fotobiografia, que está construída a partir de subdivisões. O arranjo das fotografias, nesta última parte, compõe um álbum que narra, com fotos e comentários, às vezes da própria escritora, a vida de Patricia Bins.

Palavras-chaves: Patricia Bins. Fotobiografia. Fotografia. Biografia.

RÉSUMÉ

Cette thèse de Maîtrise vise à élaborer une photobiographie de l'écrivain Patricia Bins (1930-2008) à partir de la sélection de photographies de sa collection qui se trouve dans DELFOS – Espace de Documentation et de Mémoire Culturelle de la PUCRS, située dans la Bibliothèque Centrale Ir. José Otão. Une photobiographie peut être comprise comme le récit d'une vie à partir de photographies. La thèse est organisée en chapitres qui traitent d'abord de la collection Patricia Bins dans DELFOS, du fondement théorique sur la biographie, et enfin de la photobiographie, construite à partir de subdivisions. La disposition des photographies, dans cette dernière partie, compose un album qui raconte, avec des photos et des commentaires, parfois du propre écrivain, la vie de Patricia Bins.

Mots-clés: Patricia Bins. Photobiographie. Photographie. Biographie.

SUMÁRIO

1 PELE NUA DO ESPELHO	7
1.1 NO ESPELHO.....	7
1.2 EM PELE NUA	10
2 CAÇADORA DE MEMÓRIAS	17
3 RECEITAS DE CRIAR	22
3.1 COM MEMÓRIAS.....	22
3.2 COM IMAGENS.....	25
3.3 COM MEMÓRIAS E IMAGENS.....	27
4 JOGOS DE FIAR	30
4.1 NASCE UMA INGLESA.....	31
4.2 LÁ, ONDE CANTAM OS SABIÁS.....	48
4.3 INSTANTES DO MUNDO	54
5 ÚLTIMA FOTO	82
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE – Cronologia.....	90
ANEXO – Comprovantes jornalísticos.....	95

1 PELE NUA DO ESPELHO

1.1 NO ESPELHO

Fotobiografar uma escritora mulher se tornou uma tarefa necessária atualmente, visto que é perceptível o papel secundário legado às mulheres no que diz respeito à escrita de biografias. Ao empregar um material pertencente ao DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, esta dissertação traz a público documentos pessoais da escritora Patricia Bins que, sem trabalhos dessa natureza, permaneceriam encobertos no silêncio dos arquivos. Uma fotobiografia também se justifica por apresentar uma forma diferente de abordar a vida e a obra dessa escritora, algo que ainda não foi realizado com tamanha pretensão a partir de fotografias.

Esta dissertação de Mestrado tem como objetivo reconstruir a trajetória de Patricia Bins, a partir da elaboração de uma fotobiografia. A seleção e organização das fotografias – originais e pertencentes ao acervo da autora – compõem uma espécie de álbum formado não somente pelas fotografias, mas também por textos que as comentam.

O ato de narrar uma vida transforma, de certo modo, a personalidade real em personagem ficcional. Isto é, por mais que a proposta fotobiográfica tenha compromisso com a verdade, a narrativa só consegue se aproximar do real e apresentar uma versão de Patricia Bins, uma versão criada pela autora desta dissertação. Esta dissertação, que tem como tema a fotobiografia, narrativa de uma vida a partir de fotografias, insere-se na área de concentração Teoria da Literatura, mas também se aproxima da área Escrita Criativa, pois contar uma vida é também um exercício de criação.

A partir da fotobiografia de uma escritora, é possível sugerir os momentos de maior reconhecimento de sua produção literária, observar como a fotobiografada se portava na realização dos registros fotográficos, constatar se a fotografia da banalidade e efemérides também se fazem presentes no acervo fotográfica da escritora.

Quanto à metodologia, o primeiro passo para a realização desta dissertação deu-se pela análise do acervo da escritora, mais especificamente das fotografias disponíveis no DELFOS, no sentido de constatar se as fotos abrangiam diferentes etapas da vida. O acervo fotográfico Patricia Bins foi integralmente digitalizado e gravado em dois CDs: o primeiro possui 25 pastas com 551 fotografias e o segundo, 24 pastas e 1141 fotografias. Para a realização desse passo, tive como modelo a fotobiografia de Clarice Lispector, organizada por Nadia Battela Gotlib. A elaboração dos textos da fotobiografia exige consulta à fortuna crítica da escritora (principalmente recortes de jornais), conversa com Ivone Rizzo, nora da escritora, e com a Prof^a Dra. Helenita Rosa Franco, responsável pelo recebimento do acervo no DELFOS e estudiosa da obra de Patricia Bins, assim como consulta ao Fascículo *Autores Gaúchos* do IEL/RS e à cronologia da escritora disponível no *site* do DELFOS. Para o embasamento teórico, fundamentei-me em autores da teoria da biografia como Anna Caballé (2012), François Dosse (2009), Pierre Bourdieu (2006), e Felipe Pena (2004); quanto à teoria da fotografia, Roland Barthes (2012), (1990) e quanto à teoria da fotobiografia, Carlos Reis (2018) e Fabiana Bruno (2009), (2014) com sua tese de doutoramento.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, os quais buscam retomar alguns títulos de obras de Patricia Bins. O capítulo de introdução, *Pele nua do espelho*, apresenta as subdivisões *No espelho* e *Em pele nua*. Nelas explico em quais circunstâncias conheci a escritora e trato de questões relacionadas à elaboração desta dissertação. No segundo capítulo, *Caçadora de memórias*, abordo o acervo da escritora no DELFOS: como se deu a doação, como está organizado e os itens que o compõem. No terceiro capítulo, *Receitas de criar*, comento algumas questões relacionadas às teorias da biografia, fotografia e fotobiografia. O capítulo da fotobiografia de Patricia Bins foi intitulado *Jogos de Fiar*, porque tanto a elaboração de uma fotobiografia quanto o ato de fiar dizem respeito a uma construção que se dá ponto a ponto, no intuito de compor um tecido ou bordado que é a vida. Esse capítulo foi organizado com três subdivisões: *Nasce uma inglesa* abrange os primeiros anos, a infância, a juventudes, os pais e familiares da escritora; *Lá, onde cantam os sabiás* trata da criação de um novo núcleo familiar, o

casamento, a maternidade e *Instantes do mundo* aborda Patricia² em diferentes facetas, a escritora e suas obras, a artista. O capítulo *Última foto* encerra a dissertação e busca sintetizar essa personalidade que foi construída ao longo da fotobiografia e afirma o que o gênero fotobiográfico é capaz de revelar.

Quanto ao título da dissertação, *Antes que o amor acabe*, é o terceiro romance de Patricia Bins. Não foi por recuperar a narrativa que o escolhi, mas, essencialmente, por trazer a palavra amor que era muito cara à Patricia. Ela dizia que amor em todas as suas facetas caracterizava a sua obra³. Para mim, que não conheci pessoalmente Patricia, mas tive contato com sua produção, falei com pessoas que a conheceram e li suas entrevistas é fácil associar essa palavra a ela – o amor às artes, o amor ao próximo, o amor ao bom gosto, o amor à literatura. Então, antes que o amor acabe preciso falar de Patricia.

² A fim de aproximação e maior intimidade com a escritora, promovida pela pesquisa biográfica, passo a utilizar, em alguns momentos, apenas o primeiro nome de Patricia Bins.

³ BINS, P. *Antes que o amor acabe*. *Conquista*. Porto Alegre, [s.d.] 1984, p. 3. Segundo entrevista concedida ao jornal *Conquista* de Porto Alegre.

1.2 EM PELE NUA

Imagem 1 – Patricia Bins



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS. Foto: Luciane Garbin.

Conheci Patricia Bins (1930-2008) a partir de imagens estáticas e bidimensionais (Imagem 1). Essas eram muitas, mais de mil, as quais cataloguei no *software Aleph* do DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS, que está localizado no 7º andar da Biblioteca Central Ir. José Otão. Isso foi entre 2010 e 2011 durante minha graduação em Letras. Nas fotos, Patricia aparece como uma mulher muito bonita e elegante. Os comentários que ouvi das pessoas que a conheceram também vieram ao encontro daquilo que observei, isto é, ressaltavam sua beleza e vaidade. A vida de Patricia foi marcada pelo reconhecimento público; em verdade, brilhou muito. Escreveu treze livros e vários desses receberam premiações.

As informações biográficas às quais tive acesso provêm da cronologia disponível no *site* do DELFOS⁴, do fascículo *Autores Gaúchos* do IEL/RS e de conversas com a Prof^a. Dra. Helenita Rosa Franco, responsável pelo recebimento do acervo Patricia Bins na PUCRS e minha orientadora, quando fui bolsista de Iniciação Científica, no acervo Patricia Bins. Também, no período de elaboração do projeto, conversei com Ivone Rizzo, nora da escritora. Além disso, consultei a fortuna crítica de Patricia, que, assim como as fotografias, são disponibilizadas no DELFOS.

⁴ Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 20 set. 2018.

Patricia Bins foi escritora, artista plástica e poeta. Sua obra literária tem como ênfase a narrativa fragmentária e a criação de atmosferas íntimas plenas de lirismo – reflexos, quem sabe, de experiências vividas. Ela se considerava uma escafandrista de emoções e não gostava do rótulo de intimista. Quanto à fragmentação de seus textos, dizia ser reflexo do mundo em que vivemos: “Fazemos parte de uma sociedade dispersa e me interessa investigar a fundo as causas desse comportamento. Por isso digo que não sou intimista porque não faço uma reflexão, mas uma investigação⁵”. Também acrescentou: “Poucas pessoas têm a coragem de mergulhar fundo no mar e nos pensamentos. Eu vou longe nos dois⁶”. Patricia sempre gostou de praia. Ela veraneou em Torres, RS, desde a juventude. Uma relação metafórica dos seus romances com o mar pode ser facilmente estabelecida, porque tanto os romances quanto o mar são profundos e misteriosos.

Toda sua obra parece um tanto autobiográfica. Certa vez quando comentava sobre fatos de sua vida, Patricia afirmou: “Isto tudo, de uma forma ou de outra, está nos livros⁷”. E é justamente essa a impressão que o leitor tem: que a autora se desnuda nos livros. Conhecer sua obra literária talvez seja mais um caminho cheio de mistérios, certamente, para entender a Patricia mulher. Esta dissertação, no entanto não se propõe a investigar as relações entre obra e vida da escritora, mas a levantar aspectos biográficos apoiados em fotografias e comprometidos com a realidade.

Patricia teve uma educação privilegiada. No fascículo *Autores Gaúchos* (1990, p. 4), publicado pelo IEL/RS, descubro que a menina aprendeu o português junto ao inglês. Desde os 14 anos, dava aulas particulares e causava inveja aos colegas do Colégio Americano. Patricia foi criada em meio a adultos: amigos estrangeiros de seus pais, quase todos divorciados, aspecto que ela afirmou ter contribuído para o seu amadurecimento.

⁵ BINS, P. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*, Espectador. Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318. Entrevista concedida a Rejane Martins.

⁶ BINS, P. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*, Espectador. Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318. Entrevista concedida a Rejane Martins.

⁷ Em entrevista intitulada *A feira já tem anfitriã* concedida ao jornal *Extra Classe* em setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitria/>> Acesso em: 26 de jun. 2018.

Podemos considerá-la uma gaúcha por adoção, apesar de ter preferido o chá inglês ao chimarrão. Nasceu em Copacabana, Rio de Janeiro, em 1928, viveu alguns anos em Belo Horizonte, época em que nasceu a irmã, sete anos mais nova, Elizabeth Anne. Na década de 1940, mudou-se com a família para Porto Alegre, cidade onde residiu até o falecimento em 2008. Apesar das viagens internacionais à Argentina em virtude do lançamento de livros, Patricia dizia: “Viajar é um sonho não realizado. Gostaria de visitar meus parentes em Londres e Budapeste. Adoraria ir à Espanha conhecer a terra de Picasso e Velásquez⁸”.

A atração pelas artes a levou a cursar o Instituto de Belas Artes da UFRGS. Lá conheceu o futuro esposo, Roberto H. Bins, professor de arquitetura, com o qual tinha muitas afinidades, principalmente o apreço às artes. Ele dava aulas de História da Arte. Em 1950, Patricia concluiu o curso e teve a oportunidade de estudar na América do Norte, no entanto optou em ficar no Brasil e construir uma vida ao lado de Roberto. O casamento veio em 1952, na igreja Nossa Senhora Auxiliadora, de Porto Alegre. O primogênito Roberto Bins Junior nasceu em 1953. Em 1972, Roberto Jr. escolheria Engenharia Civil como profissão e em 1977 se casaria com Ivone Rizzo. O segundo filho de Patricia e Roberto, Carlos Henrique Bins, nasceu em 1974. Seguindo o modelo da mãe, tornou-se também artista plástico e tem realizado exposições como *Álbum de Porto Alegre* (2014) e *Ellas, o Sagrado Feminino* (2016) utilizando as técnicas aquarela, óleo e *crayon* as quais se aperfeiçoou partindo de imagens fotográficas⁹. Obras abstratas em acrílico sobre tela de Carlos Henrique ilustram as capas de alguns livros de Patricia tais como *Theodora* (1991), *Sarah e os anjos* (1993), *Caçador de memórias* (1995) e *Instantes do mundo* (1999).

A casa onde a família Bins viveu se localizava na Rua Otto Niemeyer, 77, bairro Tristeza, zona sul de Porto Alegre e foi projetada por Roberto H. Bins. Hoje não existe mais. Conforme consta na cronologia do DELFOS, em 1956, Roberto H. Bins ganhou um prêmio em dinheiro pelo projeto da Prefeitura de Novo Hamburgo,

⁸ BINS, P. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*, Espectador. Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318. Entrevista concedida a Rejane Martins.

⁹ Disponível em: <<http://sortimentos.com/exposicao-ellas-o-sagrado-feminino-de-carlos-henrique-bins/>> Acesso em: 26 jun. 2018.

RS, e adquiriu o terreno, que era caracterizado pelo isolamento do centro da cidade e pela comunhão com a natureza. Patricia sempre gostou da natureza, especialmente de animais. São muitas as fotos em que eles estão retratados ou posam com ela.

Em 1972, Patricia e Roberto abriram um escritório de assessoria artística, decoração literatura e o instalaram na rua Dr. Timóteo, em Porto Alegre, o *Ilhantiga*, uma espécie de antiquário/loja/escritório¹⁰. O lugar transformou-se em um ponto de encontro de amigos. O endereço Florêncio Ygartua, 165 também aparece na mídia como localização do *Ilha Antiga*. A mídia grafava o nome separado, mas sabe-se que Patricia preferia escrevê-lo como neologismo. Luis Carlos Lisboa, em reportagem publicada no jornal *Zero Hora* de 27 de setembro de 1971, escreveu¹¹:

Agora, os dois moram num bonito estúdio na Rua Florêncio Ygartua que também vai virar galeria, na próxima mostra do casal; nesse local eles também trabalham em arquitetura, decoração e pintura, desenham móveis coloniais primitivos. [...] Patricia escreve contos e poesia, que são publicados com ilustrações do seu marido. Além de projetos, Robbie diz “vou botar um cartaz aqui com a seguinte frase: Aqui se vende ideias”.

Ao que tudo indica, no período de construção da casa do bairro Tristeza, o casal teria morado nesse endereço da Rua Florêncio Ygartua.

A segunda formação de Patricia, inconclusa, foi em jornalismo. Ela trabalhou de 1976 a 1980 na coordenação do Suplemento *Mulher*, da *Folha da Tarde*, de Porto Alegre e foi colunista do jornal *Correio do Povo*. Também colaborou com jornais literários como o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *O Estado de S. Paulo*, *Suplemento Cultural*, *Revista Leia*, de São Paulo. Suas colunas eram preenchidas com contos, crônicas de sua autoria, assim como entrevistas a personalidades culturais e críticas de eventos culturais.

¹⁰ Conforme cronologia presente no site do DELFOS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 20 set. 2018.

¹¹ LISBOA, Luis Carlos. Eles estão em destaque, Roberto e Patsy Bins. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 set.1971. Revista ZH, p. 18.

No ano de 1980, Patricia Bins ganhou de presente de Natal do marido a edição do primeiro livro: *O assassinato dos pombos, cronicontos*¹², formado por uma coletânea de textos publicados anteriormente no jornal *Correio do Povo* e ilustrado por Roberto H. Bins. Dois anos depois, com esse livro, recebeu a *Menção Honrosa* na Semana do Livro de Novo Hamburgo, RS. O mesmo ano foi marcado pelo ingresso na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. O primeiro romance, *Jogo de fiar*, surgiu um ano depois (1983) e recebeu o *Prêmio Medalha da Inconfidência – Grau Ouro*, oferecida por Tancredo Neves, o então governador de Minas Gerais.

Antes que o amor acabe, segundo romance, surgiu no ano seguinte (1984). Em 1986, foi publicado *Janela do sonho*, que recebeu o *Prêmio Afonso Arinos*, concedido pela Academia Brasileira de Letras e *Menção Especial* pela União Brasileira dos Escritores no Rio de Janeiro. O ano de 1989 foi marcado pela publicação de *Pele nua do espelho*, considerado um dos livros mais difíceis de escrever. Patricia o considerava o livro mais arrojado, pois não consistiu em criar uma história linear com começo, meio e fim, mas em escrever uma história caleidoscópica, estilhaçada, mas sem perder o fio narrativo¹³. Com esse romance obteve o *Prêmio Coelho Neto*, da Academia Brasileira de Letras em 1991. *Pele nua do espelho* foi encenado no Teatro Renascença pelos atores Dinorah Araújo e Claudio Vizzoto no ano de seu lançamento. O livro também teve uma edição em espanhol e em 1995, Patricia foi a Buenos Aires para seu lançamento.

Em 1991, surgiu *Theodora*, lançado na 37ª Feira do Livro de Porto Alegre. Em 1993, publicou *Sarah e os anjos*, que recebeu o *Prêmio José de Alencar* pela Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro. Proposto pela Associação das Jornalistas e Escritores do Brasil, 1995 foi considerado o *Ano Patricia Bins*. Também nesse ano foi lançado *Caçador de memórias*. Patricia publicou ainda dois livros infantis: *O dia da árvore*, em 1996, e *Pedro e Pietrina*, em 1997. Ela gostaria de

¹² Cronicontos é como a autora chamou a reunião de alguns de seus contos e crônicas. Esses foram publicados inicialmente pelos jornais da Empresa Jornalística Caldas Júnior.

¹³ Patricia Bins afirma a dificuldade de escrita de *Pele nua do espelho* em diversas entrevistas, por exemplo, a Maria Helena Weber, Maria Zenilda Grawunder e Rita Terezinha Schmidt, em: *Autores Gaúchos*. v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.6.

seguir produzindo para crianças, porque observava problemas na literatura moral que é feita para elas¹⁴.

Em 1999 foi lançado o primeiro volume da antologia *Brasil: receitas de criar e cozinhar*, e em 2001, o segundo volume. *Instantes do mundo*, último romance, foi publicado em 1999. Originalmente o livro seria de poesia, porém segundo a editora, esse gênero não se vende, exceto grandes nomes; assim, Patricia transformou as primeiras palavras de cada poema em epígrafes. A obra lhe agradou bastante: “Fiz um romance bastante bonito, também alinear, como é meu feitio¹⁵”, afirmou a escritora em entrevista concedida a Stella Máris Valenzuela do jornal *Extra Classe*, em 1998. Sobre a Patricia poeta, sabemos que existiu, apesar de não ter publicado nenhum livro especificadamente de poemas. Vários poemas de sua autoria são encontrados em meio aos seus escritos, e permanecem inéditos.

No ano de 1997, Roberto H. Bins faleceu, fato responsável por um silêncio criativo na autora. Patricia afirmava não ter religião, mas conseguiu seguir em frente acreditando que a energia de Roberto a teria atingido no sentido de incentivá-la a continuar. O ano seguinte, 1998, trouxe-lhe uma grande alegria: foi patrona da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, terceira mulher a ocupar o posto. Como anfitriã, incentivou o público a ler e orientou-o a não ficar muito ligado à televisão, porque essa estava sendo uma substituta do livro¹⁶.

Nos últimos meses de vida, Patricia passou a ficar mais debilitada. Conforme publicou o jornal *Correio do Povo*¹⁷, a escritora passou por uma série de internações até falecer numa sexta-feira, 4 de janeiro de 2008 em Porto Alegre, aos 79 anos. Segundo o jornal *Zero Hora*¹⁸, a causa do falecimento foi complicações cardíacas. A

¹⁴ Patricia Bins em entrevista concedida a Stella Máris Valenzuela do *site Extra Classe* em setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitriã/>> Acesso em: 26 jun. 2018.

¹⁵ Em entrevista intitulada *A feira já tem anfitriã* concedida ao jornal *Extra Classe* em setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitriã/>> Acesso em: 26 de jun. 2018.

¹⁶ Em entrevista intitulada *A feira já tem anfitriã* concedida ao jornal *Extra Classe* em setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitriã/>> Acesso em: 26 de jun. 2018.

¹⁷ RS PERDEU A ESCRITORA Patricia Bins. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 jan. 2008.

¹⁸ MORRE ESCRITORA Patricia Bins. *Zero Hora*, Porto Alegre, 6 jan. 2008.p.30.

cremação do corpo ocorreu no sábado seguinte, às 11h da manhã, no Crematório Metropolitano de Porto Alegre.

Apesar de sua significativa e numérica produção literária e de sua atuação na cena cultural do Rio Grande do Sul, Patricia Bins foi se apagando do cenário cultural, e atualmente, são poucos os estudos que a ela se referem e raras as produções acadêmicas que a tomam como objeto de estudo. Uma exceção foi a dissertação de mestrado de Marta Freitas Mendes intitulada “(Re)configurações do Feminino na Trilogia da Solidão de Patricia Bins”, apresentada no PPGL em Letras da PUCRS em 7 de janeiro deste ano.

2 CAÇADORA DE MEMÓRIAS

Imagem 2 – Patricia e seu acervo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Caçador de memórias é o oitavo livro de Patricia Bins e seu sétimo romance. Como o narrador da trama, que busca o passado, o presente e o futuro das personagens, investigo o passado e o presente do acervo Patricia Bins. Foi neste local que encontrei materiais para a elaboração da minha proposta fotobiográfica.

A imagem 2 retrata a escritora Patricia Bins na Faculdade de Letras com as caixas-arquivo que primeiramente acondicionaram os materiais de seu acervo. O processo de doação do acervo deu-se pelo intermédio da Prof^a Dra. Helenita Rosa Franco, então diretora da Faculdade de Letras desta Universidade, que conta ter conversado com Patricia sobre possibilidade de a escritora doá-lo à PUCRS. Patricia inicialmente disse que pensaria e, mais tarde, acabou aceitando. A seleção dos materiais doados ocorreu de forma aleatória pela escritora, mas foi suficiente para lotar o porta-malas de um carro, relatou a Prof^a Dra. Helenita Rosa Franco durante visita ao DELFOS, no segundo semestre de 2018, em conversa em colaboração a para a escrita desta pesquisa.

Quando o acervo Patricia Bins chegou à PUCRS, foi acondicionado na então sala 309 do prédio 8, onde já se encontravam materiais de outros acervos da Faculdade de Letras, hoje pertencente à Escola de Humanidades.

Quanto à história da criação de um espaço físico destinado ao armazenamento dos acervos sabe-se, segundo a Prof^a Dra. Maria Eunice Moreira (2018, p. 20-21), que em 1993, houve a criação do Grupo de Pesquisa de Escritores Sulinos, com o objetivo de organizar, preservar e divulgar os acervos literários rio-grandenses que a PUCRS abrigava na Faculdade de Letras e que a partir de 2008, o Centro de Pesquisas Literárias passou a concentrar as pesquisas realizadas na área da Literatura Sul-Rio-Grandense e dos acervos literários, os quais passaram a ser abrigados pelo Centro de Estudos em Memória Cultural. A partir de então, a discussão sobre um novo espaço físico ideal para acondicionar os acervos tornou-se imprescindível, pois esses materiais exigem ambiente adequado para sua preservação assim como espaço propício para o recebimento de pesquisadores.

Os acervos que se encontravam na Faculdade de Letras, naquela época, eram Celso Pedro Luft, Coleção de Cartilhas Brasileiras, Cyro Martins, Dyonelio Machado, Eduardo Guimaraens, Francisco Fernandes, Lila Ripoll, Manoelito de Ornellas, Moacyr Scliar, Moyses Velhinho, Oscar Bertholdo, Patricia Bins, Paulo Hecker Filho, Pedro Geraldo Escosteguy, Reynaldo Moura e Zeferino Brasil o que totalizava cerca de vinte acervos (MOREIRA, 2018, p. 21).

Com a ampliação do prédio da Biblioteca Central Ir. José Otão, da PUCRS, foi disponibilizado o sétimo andar desse edifício para a instalação dos acervos. O local ganhou o nome de DELFOS em referência ao Oráculo, templo consagrado ao deus Apolo e à cidade grega de mesmo nome. O Oráculo fazia profecias e aconselhava os helênicos na tomada de decisões. Junto a ele eram depositados ex-votos e demais objetos valiosos, o que faz referência aos documentos que compõem os acervos (MOREIRA, 2018, p. 22).

O DELFOS dispõe de 800m² de espaço climatizado e com umidade controlada e é composto por uma sala de estar e salas de trabalho individuais e coletivas, além de espaço para arquivamento e guarda dos acervos. Atualmente, lá estão acondicionados 51 acervos de diferentes áreas, a saber, Letras, Artes, Jornalismo, Cinema, História, e Arquitetura.

O sistema de catalogação adotado pelo DELFOS teve como base o Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Verissimo, publicado em *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, do Curso de Pós-Graduação em Letras

em 1995. “Este Manual descreve o sistema geral de coleta, condicionamento, arquivamento e catalogação, com instruções para a preservação dos documentos e para o preenchimento das fichas” (BORDINI, 1995, p. 5). Quanto aos modos operacionais concebidos para cada espécie de documento, Maria da Glória Bordini (1995, p. 11-14) discrimina quinze classes: originais, correspondências, publicações na imprensa, esboços e notas, ilustrações, documentos audiovisuais, memorabilia, comprovantes de edições, comprovantes de crítica, comprovantes de adaptações, objetos de arte, história editorial, biblioteca, vida e obra. Cada classe apresenta algumas categorias; por exemplo, a classe memorabilia contém as seguintes categorias: prêmios, honrarias (diplomas, títulos, medalhas, condecorações, placas, monumentos), *souvenirs* de viagens, lembranças pessoais, registro de homenagens oficiais e registro de homenagens particulares.

Entre os itens que compõem o acervo Patricia Bins, há originais de romances, contos, crônicas e poemas, inéditos de poemas manuscritos em cadernos, correspondências enviadas e recebidas, publicações na imprensa de autoria de Patricia Bins e sobre Patricia Bins, entrevistas publicadas na imprensa, notas manuscritas em agendas, fotografias de Patricia Bins e relacionadas a Patricia Bins, álbuns de família, honrarias tais como diplomas, condecorações, placas e monumentos, documentos pessoais, objetos de uso pessoal como relógio, óculos, vestido e comprovantes de atividade profissional. O número total do tomo não foi concluído, mas conforme afirmou a Prof^a. Dra. Helenita Rosa Franco, está entre os milhares.

As imagens 3 a 7¹⁹, que seguem, ilustram alguns itens do acervo Patricia Bins:

Imagem 3 – Chapéu



Fonte: Da autora, 2018.

¹⁹ As imagens foram obtidas pela autora, no acervo do DELFOS.

Imagem 4 – Terrina sem tampa



Fonte: Da autora, 2018.

Imagem 5 – Terrina



Fonte: Da autora, 2018.

Imagem 6 – Óculos, relógio, caneta e carteira da Casa do Artista Plástico Rio-Grandense



Fonte: Da autora, 2018.

Imagem 7 – Álbum de família



Fonte: Da autora, 2018.

A transferência do acervo Patricia Bins ao DELFOS ocorreu em 19 de maio de 2009, no mesmo dia em que a Prof^a. Dra. Helenita Rosa Franco foi empossada na cadeira 26 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, cuja patrona era Patricia Bins, que ingressara nessa instituição em 1982.

Os documentos que compõem o acervo de Patricia constituíram a tese de doutoramento da Prof^a. Dra. Helenita Rosa Franco, apresentada na Universidade de New Mexico, sob o título “Organização e Análise do Arquivo da Autora Brasileira Contemporânea Patricia Bins”, cuja defesa ocorreu em setembro de 1998²⁰.

Na imagem 8, Patricia e Prof^a Helenita Rosa Franco posam em frente à casa da escritora, na zona sul de Porto Alegre.

Imagem 8 – Patricia e a Prof^a Helenita



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

²⁰ Conforme pesquisa na fortuna crítica da escritora Patricia Bins, e segundo matéria publicada no jornal *Zero Hora*, seção *Ponto a Ponto* de 22 nov.1998.

3 RECEITAS DE CRIAR

Este capítulo, que se inspira no título das duas antologias organizadas por Patricia Bins, reflete sobre os fundamentos teóricos desta dissertação e subdivide-se nas seções: *Com memórias*, referente à biografia; *Com imagens*, quanto à fotografia e *Com memórias e imagens*, em relação à fotobiografia.

3.1 COM MEMÓRIAS

Biografia, a escrita de uma vida, por onde começar? No final do primeiro semestre de 2017, realizei o curso *Ética, Género Y Auto/Biografía*, na PUCRS, ministrado pela professora, crítica literária e escritora espanhola Anna Caballé Masforrol. Nessa oportunidade, Caballé tratou dos problemas epistemológicos do gênero biográfico discutindo se a auto/biografia²¹ pode ser considerada um gênero histórico ou literário e a relação desse gênero com a política e o feminismo. A pesquisadora, que também é autora de biografias (*Uma mujer em fuga*: biografia de Carmen Laforet, RBA Libros, 2010; *Concepcion Arenal*, Taurus, 2018), é uma das maiores especialistas no assunto e está à frente do Centro de Estudos Biográficos da Universidade de Barcelona. Em 2018, Caballé retornou à PUCRS para ministrar outro curso sobre o tema *Biografía, feminismo e mulher*, o que demonstra como esse gênero, por muito tempo posto à margem dos estudos literários, começou a despertar o interesse da academia. Sobre o descrédito inicial que o gênero biografia detinha, afirma o historiador e sociólogo francês François Dosse (2009, p. 13):

O caráter híbrido do gênero biográfico, a dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias – com a vocação romanescas, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar – fizeram dele um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de reflexão. Desprezado pelo mundo sapiente das universidades, o gênero biográfico nem por isso deixou de fruir um sucesso público jamais desmentido, a atestar que ele responde a um desejo que ignora modismos. Sem dúvida, a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe, por isso mesmo, comparar sua própria finitude à da personagem biografada.

²¹ Para Caballé (2012, p.39), o uso da barra se refere às duas modalidades – biografia e autobiografia – visto que ambas detêm o mesmo desafio epistemológico, isto é, escrever sobre uma vida humana que existiu.

O caráter híbrido de que fala o autor é apontado, porque a biografia se situa entre a ficção e a realidade. Ou seja, o texto biográfico utiliza a narrativa, que é uma ferramenta da ficção, para tratar do real; ou, como diz Dosse (2009, p. 12), tem-se “uma ficção verdadeira”. Assim, o gênero biografia, que já cativava o leitor comum, começou a atrair o leitor especializado das universidades. Na apresentação da Revista *Letras de Hoje*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, com número especial sobre o gênero biografia, as organizadoras afirmam a esse respeito:

O gênero biografia converteu-se, nos últimos anos, em um dos centros de interesse acadêmico dos cursos das Humanidades. [...] O interesse pelas vidas reais se acha presente em todos os meios de comunicação (cinema, televisão, imprensa, internet), mobilizando as novidades editoriais e por fim está entrando no mundo acadêmico como uma disciplina que, incrustada entre a história e a criação literária, facilita a interpretação de uma vida humana individual, passada ou presente (MOREIRA, M. E; CABALLÉ, A. (orgs), 2018, p. 187)

Começam a aparecer nos programas de pós-graduação trabalhos que têm como tema a biografia e este não deixa de ser um deles. Mas como se escreve uma biografia? Caballé (2012, p. 41-45) respondeu a essa pergunta discriminando dez regras: 1. La historia debe ser verdadera, 2. La historia debe fundarse en la vida entera, 3. Nada debe ser omitido ni censurado, 4. Todas las fuentes usadas deben ser identificadas, 5. El biógrafo debe conocer el tema, 6. El biógrafo debe ser objetivo, 7. La biografía es una forma de la Historia, 8. La biografía requiere una reflexión sobre la identidad, 9. La historia debe tener algún valor para el lector, 10. La biografía no tiene reglas²².

As regras descritas por Caballé são determinantes para a elaboração do texto biográfico. Dentre elas, destaco o compromisso com a verdade, a necessidade de se construir um panorama de uma vida, o conhecimento sobre o tema (fotobiografado), o reconhecimento das fontes etc., e principalmente, a décima regra, que refuta as demais, visto que “[...] cada biografía genera su propia metodología, derivada tanto de las circunstancias singulares que la motivó como, y fundamentalmente, de la

²² 1. A história deve ser verdadeira; 2. A história deve basear-se em toda vida; 3. Nada deve ser omitido nem censurado; 4. Todas as fontes utilizadas devem ser identificadas; 5. O biógrafo deve conhecer o tema; 6 O biógrafo deve ser objetivo; 7. A biografia é uma forma da História; 8. A biografia requer uma reflexão sobre a identidade; 9. A história deve ter algum valor para o leitor; 10. A biografia não tem regras. (Tradução livre da autora).

singularidad del biografiado. Cada personaje reclama su manera de acercarse a él²³ (CABALLÉ, 2012, p. 45). Como a biografia tem como tema uma vida humana que existiu, é necessário muita responsabilidade com o que se escreve.

Para Dosse (2009, p.11), escrever uma vida é um horizonte inacessível, mas tal exercício tem o poder de estimular o desejo de narrar e compreender. Essa vontade de narrar cativa facilmente os leitores, mas pode levar aquele que escreve a atribuir um sentido artificial à vida: “Sem dúvida, a ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente traz em si boa dose de engodo e ilusão” (DOSSE, 2009, p. 14). Pierre Bourdieu, outro sociólogo francês, também tem a mesma preocupação no artigo “A ilusão biográfica”, de 1986:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significação e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou de reforçar (2006, p. 185).

Nesse sentido, determinada ficcionalização, que sempre acaba ocorrendo, não pode ser tamanha para se fazer afirmações teleológicas, afinal, o real é descontínuo e formado por elementos justapostos e aleatórios. (BOURDIEU, 2006, p. 185). Não é porque a biografada foi uma escritora que ela passou, necessariamente, sua infância rodeada de livros. No caso de Patricia Bins, sim, mas isso não é regra.

Após reunir documentos, fontes diversas, discursos daqueles que tiveram contato com o biografado, encontrar o melhor caminho para abordar sua vida dependerá da vocação e profissionalismo do biógrafo como afirmou Caballé (2012, p. 45). Em *Teorias da biografia sem fim* (2004), Felipe Pena apresenta uma proposta de construção do texto biográfico a partir de fractais biográficos que evidenciam múltiplas identidades do biografado:

²³ Cada biografia gera sua própria metodologia, derivada tanto das circunstâncias singulares que a motivaram como, fundamentalmente, da singularidade do biografado. Cada personagem reivindica seu caminho para se aproximar dele. (Tradução livre da autora).

É a teoria da biografia sem fim, dividida em fractais fora de ordem cronológica e estipulando a lacuna e a infinitude como seus referenciais teóricos. Em poucas linhas, a ideia básica seria organizar uma biografia em capítulos nominais (fractais) que refletissem as múltiplas identidades do personagem (o judeu, o gráfico, o pai, o patrão, etc.). No interior de cada capítulo, o biógrafo relacionaria pequenas histórias/fractais fora da ordem diacrônica. Sem começo, meio e fim, o leitor poderia começar o texto de qualquer página (PENA, 2004, p. 17)²⁴.

A proposta de Pena constitui-se a partir da seleção de feixes de traços biográficos o que parece fugir de uma atribuição artificial de sentido à vida.

A biografia será sempre um texto aberto e datado. Novas fontes sobre a vida do biografado podem surgir e diferentes leituras delas serão feitas. Como afirma Dosse (2009, p. 14), “O biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar”.

3.2 COM IMAGENS

Protagonista das fotobiografias, a fotografia se aproxima da literatura, porque tem a capacidade de contar histórias através da narrativa, seja pela sua descrição, seja pela contextualização do que mostra. No artigo “O ‘pacto autobiográfico’ e os álbuns fotográficos”, Maria Tereza Lima (2010) afirma, no contexto dos álbuns de fotografias, que o narrador utiliza as imagens para lembrar os acontecimentos, os quais se encontram fixos em fotos e memória. Para a autora (Ibid.), as fotografias se transformam em textos orais a partir do momento em que são verbalizadas.

A organização das fotografias e o estabelecimento da relação entre elas transformam o instantâneo tirado em algum momento em um texto significativo do ponto de vista narrativo.

Para Roland Barthes (2012), algumas fotografias exercem maior atração do que outras, fato importante para a racionalização a respeito da escolha do *corpus*

²⁴ Essa citação traz um exemplo prático da aplicação da Teoria dos Fractais Biográficos ou Teoria da Biografia Sem Fim defendida por Felipe Pena.

fotográfico que compõe a fotobiografia. Certamente, a seleção é orientada pelo gosto da autora, assim como são privilegiadas as fotografias com melhor nitidez e que tenham como tema diferentes situações, para se formar um conjunto capaz de abarcar uma vida inteira; mas quando há mais de uma fotografia de uma situação, o que leva o fotobiógrafo a optar por uma e não outra? Qual a foto que concede mais sentido à narrativa ou qual a foto que favorece a narrativa? Nesse contexto, Barthes, especifica dois elementos: *punctum* e *studium* “cuja copresença fundava, assim parecia, a espécie de interesse particular que eu tinha por essas fotos” (BARTHES, 2012, p. 29), diz o autor.

O *studium* está relacionado ao reconhecimento das intenções do fotógrafo, contrato feito entre criador e consumidor (BARTHES, 2012, p. 33), sendo mais racional. O *punctum* é uma picada, pequeno buraco, mancha, corte, o que punge, mortifica e fere (BARTHES, 2012, p. 31-33). Assim o *punctum* é o detalhe que chama atenção do observador como um objeto, o corte de cabelo, por exemplo. Ele é subjetivo e se desloca de observador a observador.

Ainda em seu livro de notas sobre a fotografia, *A câmara clara*, de 1976, Barthes cita o *biografema*, conceito essencial na reflexão sobre a construção de uma fotobiografia:

Ela [a fotografia] me permite ter acesso a um infrassaber; fornece-me uma coleção de objetos parciais e pode favorecer em mim um certo fetichismo: pois há um “eu” que gosta do saber, que sente a seu respeito como que um gosto amoroso. Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de “biografemas”; a Fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia (BARTHES, 2012, p. 34).

Isto é, a fotografia revela detalhes que somente uma pintura hiper-realista ousa reproduzir. Toda essa gama de informações, que é dada pela fotografia (através de detalhes e da reprodução mais aproximada do mundo real), confere prazer ao observador. Um biografema pode ser um chapéu, um lenço, um cenário ou até mesmo uma pose. A partir da foto, o observador atento descobre o detalhe e compõe o biografema. Barthes relaciona esses saberes/informações, que as fotos são capazes de dar, a traços de uma vida, os quais nomeia *biografemas*. Fotografia e História se relacionam, porque são testemunho, biografema e biografia se assemelham, pois estão imbricados. Apesar dessa abordagem *en passant*, o

conceito já havia aparecido em outras obras de Barthes como em *Sade, Fourier, Loyola*, de 1971:

[...] se fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à mesma dispersão; uma vida furada, em suma, como Proust soube escrever a sua na sua obra, ou então um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens (esse *flumen orationis*, em que talvez consiga “o lado porco” da escritura), é entrecortada, à moda de soluços salutar, pelo negro apenas escrito do intertítulo, a irrupção desvolta de um outro significante [...] (BARTHES, 1990, p. 12).

Para Barthes (1900), a narrativa de sua vida teria sido satisfatoriamente abordada se fossem ressaltados alguns pormenores – *biografemas*. Tal método sempre deixa vazios. O biógrafo selecionaria pormenores para elaborar a biografia, assim como o fotógrafo seleciona um quadro para realizar o registro fotográfico. A “leitura” de uma fotografia assemelha-se, portanto, à leitura de uma biografia, onde predominam também pontos importantes da vida registrada.

3.3 COM MEMÓRIAS E IMAGENS

Na tese de doutoramento de Fabiana Bruno, “Fotobiografia, uma metodologia estética em Antropologia” apresentada na UNICAMP, em 2009, a autora compôs cinco fotobiografias de pessoas idosas. Nelas, o verbal e o visual partilharam a mesma tarefa de representar a vida de uma pessoa como um pequeno filme. As noções de montagem, desmontagem e remontagem foram acionadas quando feita a seleção das fotografias pelos próprios fotobiografados. Para a autora, o gênero fotobiografia requer comentários (verbais ou escritos) para que se sustente e signifique minimamente (BRUNO, 2009, p. 154). Ou seja, não é viável uma fotobiografia composta apenas por imagens. Na proposta fotobiográfica de Bruno, se tornou possível a leitura sem começo ou fim definido:

Na Fotobiografia, a autonomia de leitura pode existir, uma vez que a interposição de camadas, a fluidez do texto, as marcas e estilos da linguagem do protagonista estão ali articuladas, organizadas, no página a

página, camada após camada, permitindo ao leitor/espectador individualmente realizar uma imersão no contexto das histórias de vida de nossos informantes – sem a necessária atuação da figura de um terceiro, um interlocutor. Assim como na produção cinematográfica, a *fotobiografia* oferece a liberdade de leitura, reverberando a polissemia de sentidos (BRUNO, 2009, p. 162).

Na minha proposta *fotobiográfica* (capítulo 4), procurei, predominantemente, obedecer a uma linha cronológica, no entanto também me permiti pulos temporais, adiantando acontecimentos. O compromisso com uma sequência cronológica não é essencial. Na realidade, iniciar uma biografia/*fotobiografia* a partir do nascimento da pessoa parece algo monótono, o surpreendente é que se eleja um ponto de partida e se possa trabalhar com eixos temáticos ou biografemas. Em *Jogo de Fiar*, capítulo 4, estabeleço três divisões: a primeira orientada pela origem inglesa da escritora; a seguinte, pela formação de um novo núcleo familiar e a última, pelas suas diferentes facetas.

As fotografias que compõem o capítulo *fotobiográfico* abrangem um segmento temporal não necessariamente integral da vida da *fotobiografada*, mas, certamente, significativo. Como *fotobiógrafa*, fiz escolhas, excluí pessoas e episódios, às vezes por não conseguir identificá-los; outras, por não considerar relevantes em se tratando da *fotobiografia* da escritora Patricia Bins.

De acordo com o professor e crítico português Carlos Reis (2018, p. 385), está implícito no projeto *fotobiográfico* um intuito de celebração ou até mesmo de canonização da personalidade *fotobiografada*. Nesse sentido, a ênfase do gênero *fotobiográfico* é o estabelecimento de uma perspectiva favorável e otimista em relação ao *fotobiografado*.

A partir de uma *fotobiografia* como esta é possível fazer inferências sobre a vida da escritora, descobrir como se comportava na realização dos registros, se gostava de ser fotografada, como era sua casa, do que gostava etc. O gênero *fotobiografia* ainda é capaz de se comunicar com o leitor no sentido de levá-lo a se questionar sobre a própria vida e até mesmo a se identificar com o *biografado*:

A fotografia – sobretudo no horizonte de uma *Fotobiografia* – nos interpela, ressuscita e deixa aflorar outros instantes de *nossa* própria existência. Por natureza, uma *Fotobiografia* será sempre uma interrogação sobre a *nossa*.

É por razão que nos cativa e, ao mesmo tempo, nos atormenta e questiona (BRUNO, 2009, p. 129).

Isso porque determinadas imagens que compõem a fotobiografia nos remetem àquelas que temos em nossa memória, que são nossas e não do fotobiografado. “[...] podemos nos fascinar por outras e tentar descobrir porque nos fascinam, evidentemente, porque as associamos aos nossos próprios fascínios” (BRUNO, 2014, p. 10).

Como ressalta Reis (2018, p. 385), a fotobiografia não é um livro que quer interpretar, mas mostrar, um livro não do porquê, mas do como. Assim, associando fotografias e textos, a fotobiografia é um objeto estético²⁵ que se propõe a contar a história de uma vida ilustradamente.

²⁵ Em um trabalho acadêmico, a diagramação da fotobiografia é comprometida em prol do formato dissertação.

4 JOGOS DE FIAR²⁶



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS. Foto: Luciane Garbin.

²⁶ Com algumas exceções, as imagens que compõem o capítulo são, essencialmente, do acervo Patricia Bins, disponíveis no DELFOS. A autoria da maioria das fotografias não é identificada.

4.1 NASCE UMA INGLESA

A história de Patricia Bins só se tornou possível a partir de um insistente pedido de casamento que ocorreu na Europa, na primeira metade do século vinte. Lá se encontraram dois jovens de nacionalidades diferentes, Andor Stroh e Iris Holliday, que viveram uma história de amor no Brasil. A imagem 9 retrata os pais de Patricia na década de 1930, provavelmente já no Brasil.

Imagem 9 – Pais de Patricia



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

No final da década de 1920, Andor, que era natural de Budapeste, Hungria, foi estudar em Londres. Lá conheceu a jovem londrina Iris, de dezoito anos. O casamento aconteceu em 1926. Os jovens passaram a lua de mel na Cidade Luz. Na capital francesa, em visita a uma Feira Internacional Industrial com um estande que exibia os encantos dos brasileiros, surgiu em Andor a ideia de iniciarem vida nova no Brasil. Andor, que tinha espírito aventureiro, convenceu a esposa da aventura e o projeto pôde, então, tornar-se realidade.

Mais tarde, ao ler o romance *O amante*, de Margarite Duras, Patricia viu nele a história de seus pais²⁷. No romance, os amantes são de nacionalidades distintas e Patricia recuperou, pela ficção, o encontro dos pais em terras distantes.

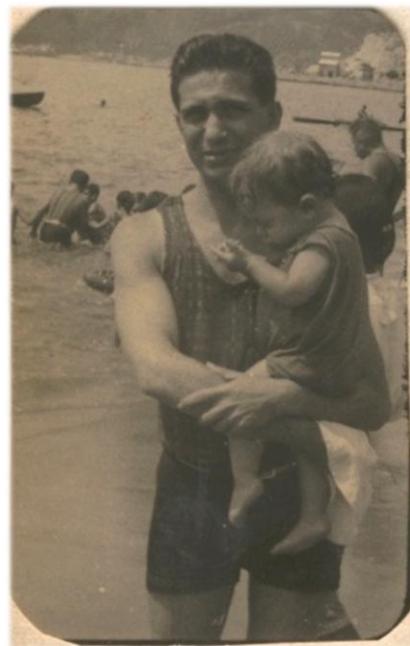
O casal Stroh partiu para o Rio de Janeiro por conta própria a bordo do navio *Highland Lassie*, mas com o intuito de regressar assim que fizessem novas amizades, ganhassem experiência e dinheiro. Em 1928, quando desembarcam no Brasil, primeiro se instalaram na casa de conhecidos de Andor, também estrangeiros. A próxima residência foi em um pequeno apartamento na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Andor logo começou a trabalhar na Refinações Milho Brasil, empresa norte-americana de derivados de milho. Foi em terras cariocas (Imagem 10) que nasceu a primeira filha, Patricia Doreen²⁸ (Imagem 11).

Imagem 10 – Rio, cenário dos primeiros anos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 11 – Patricia no colo do pai



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Sobre os pais, Patricia disse:

O meu pai sempre foi diretor das Refinações de Milho Brasil. Foi uma pessoa extremamente dedicada e respeitada. Minha mãe era uma mulher que nunca se adaptou ao país. Sempre falando idiomas diferentes, foi uma

²⁷ BINS, P. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*, Espectador, Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318. Em entrevista concedida a Rejane Martins.

²⁸ Segundo cronologia acessível no *site* do DELFOS.

pessoa muito interessante, mas nunca trabalhou. Nunca fez nada, sua vida girava em torno de festas, jantares ou jogos de cartas²⁹.

Sob o signo de Leão, Patricia nasceu em julho de 1930. Sobre a data, existem duas a serem consideradas: a do registro oficial, 29, e a do nascimento propriamente dito, 24. Isso se deve ao fato de Andor não tê-la registrado exatamente no dia em que ela nasceu. A preferência de Patricia é pelo dia vinte e quatro.

Ela cresceu mais rodeada de adultos, intelectuais de várias nacionalidades, do que de crianças. A esse motivo, atribui o amadurecimento precoce. Quando recorda de sua infância, Patricia lembra-se da menina que foi, dessas pessoas estrangeiras e da variedade de sotaques que a cercava:

Fui uma criança muito solitária; só convivi com adultos. Os amigos de meus pais eram todos meio loucos, desajustados, políglotas; eram quase todos desquitados. Convivi então, com essa coisa europeia, pouco conhecida no Brasil, das pessoas se divorciarem, casarem de novo, terem um outro companheiro ou companheira. Mas eles não tinham filhos, ou os filhos tinham ficado com as mulheres anteriores. Tudo isso era normal para mim e colaborou para o meu amadurecimento³⁰.

Conforme afirmou a Tania Barreiro do *Jornal do Comércio*, foi sob o sol de Copacabana que a menina descobriu a morte. No episódio traumático, Patricia passeava com o pai e viu um cachorro morto jogado numa lata de lixo com a cabeça para fora³¹. Foi também nas areias de Copacabana que a menina passou pelo susto de um quase afogamento. Essas informações dispersas sobre a infância são lembradas em entrevistas.

²⁹ BINS, P. Eu gosto de cutucar o leitor. *CS Zona Sul*. Porto Alegre. Abr. Ed. 50. p. 12. Entrevista concedida ao jornal *CS Zona Sul*.

³⁰ Conforme entrevista a Maria Helena Weber, Maria Zenilda Grawunder e Rita Terezinha Schimidt, em: *Autores Gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.4.

³¹ BARREIRO, Tania. Lá, onde cantam os sabiás, Patricia Bins questiona o relacionamento humano e garante a permanência da literatura tradicional. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 out. 1998, p. 6-7.

Nas imagens 12, 13 e 14, Patricia é retratada em Copacabana com os pais e amigos.

Imagem 12 – Patricia no colo do pai



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 13 – Com o pai



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 14 – Com a mãe



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Em casa, a família falava inglês. Assim, a língua materna e o português foram aprendidos ao mesmo tempo. Aos cinco anos, já sabia ler e escrever.³² “Via a vizinha embalar seus filhos com Boi da Cara Preta e as cantigas de ninar que minha mãe

³² Em *O autor e seu tempo*, segmento do fascículo *Autores gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.10.

cantava eram em inglês³³. Ela complementa: “A comida que se comia lá em casa era diferente da servida na casa das minhas amigas. O mundo do lar era um, o da rua era o outro³⁴”.

As imagens 15 e 16 são de familiares. Os avós paternos chamavam-se Rose e Emile e uma das tias, Elizabeth, como veio a se chamar a irmã mais nova de Patricia.

Imagem 15 - Avós paternos e tios na década de 1930, na Europa



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 16 – Clara, a avó materna e netas



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

³³ BINS, P. Patricia Bins é a patronesse. *Jornal do Comércio*, Panorama. Porto Alegre, 16 set. 1998, nº 66, ano 66.

³⁴ BINS, P. Eu gosto de cutucar o leitor. *CS Zona Sul*. Porto Alegre. Abr. Ed. 50. p. 12. Entrevista concedida ao jornal *CS Zona Sul*.

Desse período da infância, Patricia lembra que o corso e as fantasias de carnaval a fascinavam e que todo ano sua mãe confeccionava-lhe uma nova vestimenta³⁵. Num dos álbuns de família, encontra-se a imagem 17 com a seguinte legenda escrita por Patricia “Toni and David at Carnnaval with their aut Winnie³⁶”. Os jovens são possivelmente primos de Patricia.

Imagem 17 – Primos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Quando tinha sete anos, em 1934, a família transferiu-se para Belo Horizonte. Lá, Patricia foi admitida na escola particular dirigida por Miss Freda e Miss Winifred Dunstan, ambas formadas em Cambridge. Nessa instituição, recebeu a formação que convém a uma menina criada para retornar à Europa: teve aulas de pintura, piano, dança, literatura, etc. No entanto, revelava o desejo estudar em colégio genuinamente brasileiro como as demais crianças, mas não foi atendida.

O próximo colégio em que estudou foi o Instituto Metodista Isabella Hendrix - só para moças até a década de 1960 - fundado por Miss Marta Watts, enviada ao Brasil pela Igreja Metodista do sul dos Estados Unidos³⁷.

³⁵ Em *O autor e seu tempo*, segmento do fascículo *Autores gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.10.

³⁶ Tradução livre da autora: Toni e David no Carnaval com sua tia Winnie.

³⁷ Conforme *O autor e seu tempo*, segmento do fascículo *Autores gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, IEL/RS 1990, p.10.

A imagem 18 é da casa da família na capital mineira.

Imagem 18 – Casa em Belo Horizonte



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Do conhecimento do mundo das letras, Patricia afirma: “Fui alfabetizada aos cinco anos e comecei a escrever muito cedo. Ficava encantada ao ver que, como algumas palavras, conseguia formar uma frase ou frases diferentes³⁸”. A escritora afirmou em diversas entrevistas que sua primeira criação literária ocorreu quando ainda era criança: “Escrevi um poema entre os 10 e os 12 anos. Chamava-se ‘O beijo’, uma antecipação da emoção de um beijo amoroso. Pelo que me lembro, foi a primeira manifestação ou a primeira criação literária, carregada de curiosidade adolescente³⁹”.

³⁸ Conforme entrevista a Maria Helena Weber, Maria Zenilda Grawunder e Rita Terezinha Schmidt, em: *Autores Gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.4.

³⁹ Conforme entrevista a Maria Helena Weber, Maria Zenilda Grawunder e Rita Terezinha Schmidt, em: *Autores Gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.4.

As imagens 19 e 20 são da infância de Patricia. A 19 chamou-me atenção, porque Patricia aparece de chapéu, acessório que, assim como as boinas, foi sempre muito presente em seu visual. Na linguagem de Barthes, esse biografema, observado na fotografia tirada ainda quando era criança, estará presente em outras muitas situações e o acessório será peça-chave do vestuário da elegante Patricia.

Na imagem 20, Patricia posa com Muriel, uma amiga.

Imagem 19 – Patricia de chapéu



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 20 – Patricia e Muriel



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Em 12 de abril de 1935, ainda em Belo Horizonte, nasceu a irmã sete anos mais nova, Elizabeth Anne, cujo nome foi dado em homenagem à tia paterna.

A imagem 21, na qual as irmãs são retratadas junto ao cão de estimação, tem a seguinte legenda: “Jimmy, Elizabeth and I. BH”.

Imagem 21 - Jimmy, Elizabeth e Patricia



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Para a imagem 22, Patricia escreveu no álbum: “You can hardly tell the difference between Muriel’s doll and Elizabeth⁴⁰”. Pela cronologia presente no *site* do DELFOS⁴¹, Patricia cuidava da irmã como se fosse uma boneca, principalmente à noite quando a pequena sofria ataques de asma.

Imagem 22 – Mãe e irmã



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁴⁰ Tradução livre da autora: Você dificilmente pode dizer a diferença entre a boneca de Muriel e Elizabeth.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>>.

A família frequentava o *Country Club*, onde havia piscinas e Iris gostava de jogar *bridge*⁴². A imagem 23 mostra Iris de costas e as duas filhas (Patricia ao centro).

Imagem 23 – A família no *Country Club*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A imagem 24, também presente no álbum de família, tem como legenda “The Country Club pool” e mostra um detalhe do clube que a família frequentava em Belo Horizonte. Pelas condições do clube, pode-se constatar que a família detinha posição social privilegiada e que a menina desfrutou de uma vida aparentemente sem problemas financeiros.

Imagem 24 – Piscina do *Country Club*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁴² Conforme conta a Prof^a Dra. Helenita Rosa Franco que entrevistou Patricia muitas vezes.

A imagem 25 é de uma Festa de Natal em 1939, provavelmente, no *Country Club*. O sr. Stroh aparece ao fundo com terno claro. Patrícia marca a foto com uma seta indicando o “Father Xmas “Smiles”.

Imagem 25 – Festa de Natal



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Os dez anos de Patrícia (primeira à esquerda) são retratados na imagem 26.

Imagem 26 – Os dez anos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Ainda sobre a fase em Belo Horizonte, a família passeava em Morro Velho: “Seguidamente visitávamos Morro Velho, uma colônia inglesa. Muitas vezes ficava o final de semana com uma família. A senhora se dedicava à jardinagem e culinária. Seu nome é Norah, com ‘h’. Coloquei este nome em uma das minhas personagens⁴³”. Esse relato foi feito pela própria autora em entrevista concedida a

⁴³ Patricia Bins em entrevista concedida a Stella Máris Valenzuela do jornal *Extra Classe* em setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitriã/>> Acesso em: 26 jun. 2018.

Stella Máris Valenzuela do jornal *Extra Classe*. Provavelmente, essa memória era positiva para Patricia, que sempre gostou da vida em contato com a natureza.

A imagem 27 mostra Patricia andando a cavalo em Morro Velho.

Imagem 27 – Passeio a cavalo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

As duas imagens que seguem (28 e 29) são de Patricia e sua mãe. Quanto à imagem 28, Patricia esclarece que foi o Sr. Thoms, provavelmente um amigo da família, quem tirou a foto: “Mammy and I having our picture by Mr. Thoms⁴⁴”. A legenda da imagem 29 é um pouco mais inusitada: “Look at mammy buttoning her dress⁴⁵”. Não são frequentes as fotos de Patricia com a mãe. O pai parece ser uma figura mais marcante em sua vida.

Imagem 28 – Mãe e filha



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 29 – Vestido de mamãe



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁴⁴ Tradução livre da autora: Eu e mamãe tendo nossa foto tirada pelo Sr. Thoms.

⁴⁵ Tradução livre da autora: Olhe mamãe abotoar seu vestido.

Foi pelas legendas escritas por Patricia, não se sabe quando, que descobri que a família teve uma empregada alemã chamada Eva. Patricia chamou a imagem 30 de “Eva tickling Jimmy⁴⁶”. A imagem 31 mostra a família reunida.

Imagem 30 – Eva, Patricia e Elizabeth



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 31 – Família reunida



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A década de 1940 foi marcada pela vinda da família para o Rio Grande do Sul. Naquela época, Patricia tinha por volta dos doze anos. A imagem 32 recupera a carteira de sócio do Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano do pai de Patricia.

Imagem 32 – Carteirinha do Cultural



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A integração de Andor com a sociedade porto-alegrense é comprovada por esse documento. No Rio Grande do Sul, ele participou do ICBNA, umas das instituições que reunia estrangeiros de língua inglesa, na capital.

⁴⁶ Tradução livre da autora: Eva fazendo cócegas em Jimmy.

Em Porto Alegre, Patricia foi matriculada no Colégio Metodista Americano. Patricia foi uma aluna aplicada e formou-se em primeiro lugar no Curso Secundário (Imagem 33)⁴⁷.

Imagem 33 – Formatura do Secundário



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Com o domínio da língua inglesa, lecionou desde os quatorze anos em sua residência, na Rua Barão do Santo Ângelo, no bairro Moinhos de Vento. Aos dezessete, foi convidada a lecionar no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano e, mais tarde, no Yázigi⁴⁸.

Com essa idade, Patricia era uma jovem muito bonita, charmosa e estrangeira, de ascendência. Esses fatos passaram a chamar a atenção, sobretudo a beleza da moça. Dos quinze e dos dezessete anos de Patricia, há dois exemplares⁴⁹ da *Revista do Globo*⁵⁰, nas quais Patricia foi fotografada. Na descrição das capas, é dito que ilustram as edições de 25 de agosto de 1945 (como motivo de

⁴⁷ Em *O autor e seu tempo*, segmento do fascículo *Autores gaúchos*, v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990, p.11.

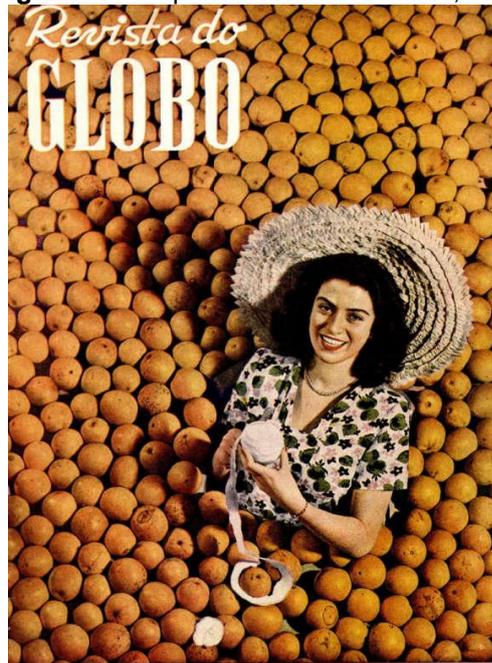
⁴⁸ Segundo cronologia acessível no site do DELFOS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 26 jun. 2018.

⁴⁹ As 34 e 35 não fazem parte do acervo fotográfico Patricia Bins, mas do Acervo da *Revista do Globo*, também pertencente ao DELFOS. Acessível somente na rede PUCRS: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo>> Acesso em: 26 jun. 2018.

⁵⁰ A *Revista do Globo* foi um periódico editado quinzenalmente pela Livraria do Globo em Porto Alegre entre 1929 e 1967.

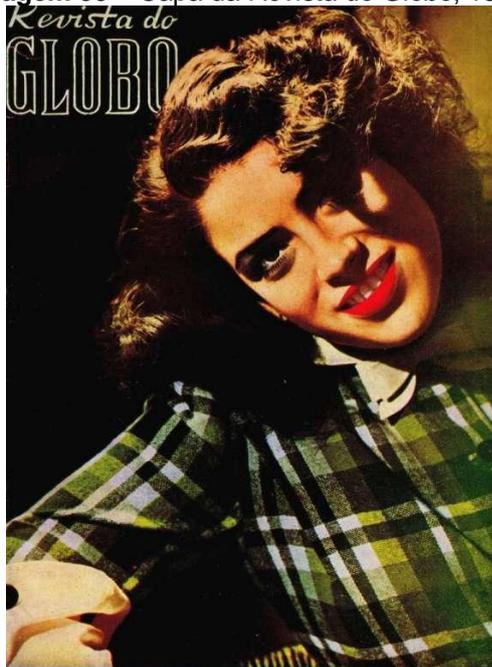
uma reportagem sobre laranja) (Imagem 34) e de 12 de setembro de 1947 (Imagem 35), a senhorita Patricia Doreen Stroh da sociedade porto-alegrense. O cultivo da beleza e da elegância é rapidamente identificado na revista, e Patricia, encaixando-se nesse modelo, foi capa mais de uma vez.

Imagem 34 – Capa da *Revista do Globo*, 1945



Fonte: Acervo Revista do Globo, DELFOS.

Imagem 35 – Capa da *Revista do Globo*, 1947



Fonte: Acervo Revista do Globo, DELFOS.

Interessada por artes e estimulada pela família, que cultivava a literatura, a música e a pintura, Patricia ingressou no Instituto de Belas Artes da UFRGS e foi aluna do artista gaúcho João Fahrion. A imagem 36 é uma versão (42x34cm) do retrato de Patricia feita por Fahrion. A tela enfeitou a parede da sala da família Bins junto a demais obras de arte (Imagem 37).

Imagem 36 – Retrato de Patricia



Fonte: Site do Ponto de Arte Leilões – Porto Alegre⁵¹.

Imagem 37 – Retrato na sala de casa



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Sobre sua percepção do mundo das artes, Patricia afirma⁵²:

Eu me formei no Instituto de Belas Artes, em Artes Plásticas. Estudei pintura de paisagem, de modelo vivo, perspectiva e sombra; escultura, modelagem, história da arte, história da arquitetura, todas as coisas que me ajudaram no

⁵¹ Disponível em: <<http://www.pontodearteleiloes.com.br/peca.asp?ID=348458>> Acesso em 12 jan. 2019.

⁵² BINS, P. As mulheres ainda são escravas. *CS Zona Sul*. Porto Alegre, 1ª quinzena nov. 1998, p. 8-10. Entrevista concedida a Daniel Dutra.

meu trabalho literário. Porque literatura é construída também. E a literatura também é pintada. [...] Há um a união das artes, do todas as artes, eu acho.

As imagens que seguem (38, 39 e 40) são da juventude de Patricia. Respectivamente, foto de estúdio com a irmã, com a irmã nas ruas de Porto Alegre e de férias em Torres.

Imagem 38 – Patricia e Elizabeth



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 39 – Irmãs Stroh



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 40 – Férias em Torres



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Na década de 1950, Patricia concluiu o curso de Artes Plásticas e recebeu uma bolsa de estudos para a América do Norte. Entretanto, ela optou por não aceitar a oportunidade, visto que estava iniciando uma nova família.

4.2 LÁ, ONDE CANTAM OS SABIÁS

Foi no Instituto de Belas Artes da UFRGS que Patricia conheceu o futuro esposo, Roberto H. Bins, como professor de Arquitetura. O casal (Imagem 41) encontrou várias afinidades, principalmente o amor às artes o que culminou no casamento. A cerimônia ocorreu no dia 31 de janeiro de 1952, na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, de Porto Alegre. Os irmãos dos noivos foram as testemunhas. A imagem 42 mostra os noivos acompanhados pelos pais. Do lado direito, estão os pais de Patricia; do esquerdo, os de Roberto.

Imagem 41 – Os noivos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 42 – Comemoração de casamento



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

As imagens 43 e 44 são do casal em diferentes momentos da vida.

Imagem 43 – Patricia e Roberto em casa



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 44 – Patricia e Roberto



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Patricia e Roberto permaneceram juntos até o falecimento dele em 28 de janeiro de 1997, no Hospital de Clínicas. Foi em 1971 que Roberto sofreu seu primeiro derrame cerebral. Por essa razão, Patricia, que dava aulas de inglês na Escola de Idiomas Yázigi, pediu demissão para se dedicar ao esposo. Patricia chegou a iniciar o curso de jornalismo, mas interrompeu-o pelo mesmo motivo.⁵³ Sobre o esposo, ela afirmava⁵⁴:

⁵³ Segundo cronologia acessível no site do DELFOS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 26 jun. 2018.

⁵⁴ BINS, P. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*, Espectador, Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318. Entrevista concedida a Rejane Martins.

O convívio como o Roberto foi um ensinamento. Ele ficou doente aos 44 anos de idade. Foram 25 anos de aceitação. Ele teria todos os motivos para blasfemar. No entanto, ele aceitou continuar lutando pela vida, com os problemas que ela nos apresenta só ratificaram a minha admiração e amor por uma pessoa muito especial.

Patricia destacava em Roberto sua veia artística: “Roberto é um esteta antes de tudo. Espartano, simples e de coração generoso. O que mais admiro nele é sua fé inabalável⁵⁵”.

Desse casamento, nasceram dois filhos, Roberto Jr. e Carlos Henrique (Imagem 45). Patricia se tornou mãe em 1953. Roberto Jr., o primogênito, nasceu em 27 de janeiro, no Hospital Moinhos de Vento de Porto Alegre. A alegria do pai foi tão grande que ele saiu gritando pelos corredores do hospital “É homem!⁵⁶”. O segundo filho, Carlos Henrique, nasceu no mesmo hospital, três anos depois, em 7 de fevereiro de 1956.

Imagem 45 – Os irmãos Roberto Jr. e Carlos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁵⁵ BINS, P. Patricia Bins: às vezes acontecem vazios. Então recomeço. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 3 mar. 1974. Entrevista a Hethon de Leon.

⁵⁶ Segundo cronologia acessível no site do DELFOS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 26 jun. 2018.

A partir de 1957, a família (Imagem 46) foi morar no bairro Tristeza. A casa, que se localizava na Rua Otto Niemeyer, 77, foi projetada por Roberto e tinha fundos para o Guaíba. O terreno foi adquirido por conta de um prêmio em dinheiro recebido por Roberto pela elaboração do projeto da Prefeitura de Novo Hamburgo, RS.

Por ocasião da escolha de Patricia como patrona da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, uma reportagem publicada no jornal *Zero Hora* de 1998, afirma sobre essa casa:

A casa traduz um pouco da dona, com árvores, animais, flores e espaço. Na sala, de onde se avista o rio Guaíba, a memória reina. De moderno, apenas os aparelhos de som e a televisão. Antiguidades, velhas fotografias, pinturas e desenhos fazem companhia à escritora que, sempre em sua poltrona preferida, redige seus poemas e histórias do próprio punho.⁵⁷

Imagem 46 – Família Bins



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁵⁷ ROCHA, Patrícia. Uma dama inglesa na literatura gaúcha. *Zero Hora*, Segundo Caderno, Porto Alegre, 19 set.1998.

A proximidade da família com a água sempre foi grande, tanto com o Guaíba (Imagem 47) quanto com o mar.

Imagem 47 – Irmãos Bins no Guaíba



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A família costumava veranear em Torres, RS (Imagem 48), onde tinha residência. O balneário foi assunto de algumas de suas crônicas publicadas no jornal *Correio do Povo*⁵⁸:

Torres porque somos do mar – Roberto é Caranguejo, enquanto os meninos são ambos Aquarianos. Eu sou Leão (marinho, obviamente). Torres, desde sempre e para sempre, porque é lá que vamos redescobrir o nosso paraíso particular, longe de todas as formas de poluição, perto do sal, do Sol e do girassol.

Imagem 48 – Família Bins na praia



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁵⁸ Segundo cronologia acessível no site do DELFOS. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>> Acesso em: 26 jun. 2018.

A casa e depois o apartamento dos Bins em Torres também foi matéria de diversas edições de jornal. Uma delas, de autoria de Paulo Gasparotto, o mais famoso cronista social de Porto Alegre, à época, discorre sobre a decoração e os gostos do casal: “O toque são os girassóis, flor preferida de Patsy, telas pintadas por Robi, cuja principal motivação é o casario antigo das cidades catarinenses e o emprego de boias, cordas de navios e até peças de moinhos completando os diversos recantos⁵⁹”.

As imagens 49 e 50 ilustram o apartamento da família em Torres, cuja decoração revela o gosto do casal por peças artísticas e observa-se a localização em frente ao mar.

Imagem 49 – Vista do apto



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 50 – Interior do apto



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁵⁹ GASPAROTTO. Paulo. O bom gosto em Torres. *Zero Hora*. [s.d].

A localização privilegiada do apartamento reforça o contato com a natureza que Patricia sempre primou, tanto na residência litorânea, quanto na casa próxima ao Guaíba.

4.3 INSTANTES DO MUNDO

Além de escritora, Patricia foi também pintora e uma mulher muito ligada à arte. Em entrevista concedida ao jornalista Luis Carlos Lisboa, para a Revista ZH, Caderno do jornal *Zero Hora*, Patricia explicou a importância da pintura em sua vida⁶⁰:

[...] a pintura é pra mim um tipo de volta à infância. Pura alegria, nada cerebral. É a arte sem buscar muita profundidade. O que vem. Pode ser que eu não esteja certa, pode ser que eu tenha mais facilidade pra pintar do que para escrever, mas escrever leva mais tempo.

Em outra entrevista, também concedida a Luis Carlos Lisboa, é possível saber que “Na maioria de seus quadros a artista faz uma poesia inspirada no tema, que sempre fica atrás do trabalho. Patsy está fazendo muitos trabalhos concretistas, buscando o significado das palavras de maneira semântica⁶¹”, discorre o jornalista. As reportagens de jornal são essenciais para estabelecer a relação de Patricia com a pintura, uma vez que suas obras não estão mais acessíveis⁶².

⁶⁰ BINS, P. A pintura é muito importante para os Bins. *Zero Hora*. Porto Alegre, 3 out. 1970. Revista ZH. Entrevista a Luis Carlos Lisboa.

⁶¹ LISBOA, Luis Carlos. Eles estão em destaque, Roberto e Patsy Bins. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 set. 1971. Revista ZH, p. 18.

⁶² Segundo a nora da escritora, as pinturas estão sob posse dos familiares.

As imagens que seguem (51 e 52) ilustram a Patricia pintora. A imagem 51 foi publicada no jornal *Folha da Tarde*⁶³, de Porto Alegre, em 1968, e mostra Patricia e sua tela de girassóis. Na imagem 52⁶⁴ de 1970, Patricia posa com seu *collie* Scotch e com uma tela primitiva também de sua autoria.

Imagem 51 – Patricia e seus girassóis



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 52 – Patricia e seu primitivo



Fonte: Jornal *Folha da Tarde*, 1968.

Seu amor à arte era exercido de diversas maneiras, pois atuou também como decoradora e colecionadora de antiguidades. Para ela, essas atividades aproximavam-se por um valor sentimental⁶⁵:

Pintar ou trabalhar em decoração para mim é uma atividade lúdica, quase volto à infância com estas coisas, criando ambientes de descontração e conforto. Já a literatura é uma necessidade de chegar à essência, de saber quem eu sou e quem são os outros.

Na imagem 53, Patricia aparece trabalhando no antiquário *Ilhantiga*, espaço onde o casal Bins também recebia amigos e atuava com arquitetura e decoração.

⁶³ LISBOA, Luís Carlos. As belas residências em Torres. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 17 fev. 1968.

⁶⁴ A imagem 52 é uma exceção, uma vez que não faz parte do acervo Patricia Bins, ela é a digitalização de uma das fotografias da reportagem *A pintura é muito importante para os Bins* publicada do jornal *Zero Hora* de Porto Alegre em 3 outubro de 1970.

⁶⁵ BINS, P. O trabalho dever ser uma alegria e não uma maratona diária. *Zero Hora*, Porto Alegre, 3 abr. 1984. Entrevista à Célia Ribeiro.

Imagem 53 – Patricia trabalhando no *Ilhantinga*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Antes de ingressar propriamente no mundo da literatura com seus romances, Patricia teve uma fase jornalista. Em 1968, começou a publicar no jornal *Correio do Povo*, parceria que durou dezoito anos. “Era uma maravilha. O *Correio do Povo* daquela época abria janelas e portas para os novos escritores”, comentou Patricia em entrevista⁶⁶. Na época, o editor Paulo F. Gastal lhe propôs uma publicação semanal na página feminina. A sugestão era que escrevesse crônicas sobre “coisas de mulher”. No entanto, o que Patricia privilegiou em sua coluna foi diferente: “Eu achava que não deveria ter só bobagens femininas⁶⁷” Assim, seus textos versavam também sobre o mundo artístico, além de revelarem muito de si e dos seus. Ela tratou de assuntos como decoração e realizou entrevistas com personalidades culturais.

De 1976 a 1980, Patricia coordenou o *Suplemento Mulher*, da *Folha da Tarde* cuja direção era de Edmundo Soares. A partir de 1986, ela também colaborou com jornais literários como o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *O Estado de São Paulo*, no *Suplemento Cultural* e com a *Revista Leia* de São Paulo⁶⁸.

⁶⁶ BINS, P. Eu gosto de cutucar o leitor. *CS Zona Sul*. Porto Alegre. Abr. Ed. 50. p. 12. Entrevista concedida ao jornal *CS Zona Sul*.

⁶⁷ BINS, P. As mulheres ainda são escravas. *CS Zona Sul*. Porto Alegre, 1º quinzena Nov. 1998, p. 8-10. Entrevista concedida a Daniel Dutra.

⁶⁸ Conforme cronologia presente no *site* do DELFOS.

A imagem 54 mostra a escritora datilografando seus artigos e comentários em sua casa no bairro Tristeza.

Imagem 54 – Patricia datilografando



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Apesar de aparecer datilografando, sabe-se que Patricia tinha preferência pela escrita à mão (Imagem 55), segundo seu depoimento, “Escrevendo à mão, as palavras têm mais vida⁶⁹”. Ela disse certa vez que “O cérebro humano é o mais perfeito dos computadores e, conjugado à mão, é invencível. Além disso, o computador não tem alma, por isso escrevo à mão⁷⁰”.

Imagem 55 – Patricia escrevendo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

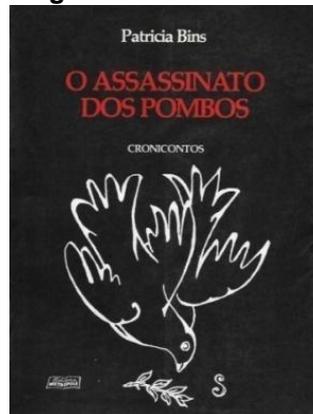
⁶⁹ BINS, P. Uma dama inglesa na literatura gaúcha. *Zero Hora*, Segundo Caderno, Porto Alegre, 19 set. 1998. Entrevista a Patrícia Rocha.

⁷⁰ BINS, P. Lá onde cantam os sabiás. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 out. 1998, p. 6-7. Entrevista concedida a Tania Barreiro.

Dos doze anos de colaboração no *Correio do Povo*, surgiu *O assassinato de pombos – cronicontos*, em 1980. O livro é uma coletânea de 29 contos e crônicas, cada um introduzido por uma ilustração de Roberto H. Bins. A própria capa do livro foi obra de seu marido. O lançamento ocorreu no Salão Mourisco da Biblioteca Pública de Porto Alegre, no dia 16 de dezembro. Por conta de alguns desses contos, Patricia foi introduzida na *Internacional anthology of prose and poetry*, editada em New York por Peter Glassgold⁷¹.

Na imagem 56 é reproduzida a capa⁷² da primeira edição, feita sob responsabilidade da Editora Metrópole, de Porto Alegre. A orelha do livro traz comentários de escritoras como Lygia Fagundes Telles e Nélida Piñon, e na contracapa, consta a seguinte observação do escritor e crítico literário Guilhermino César: “Estou certo de que Patricia Bins, no dia em que se fizer a história cultural do Rio Grande, nesta segunda metade do século XX, contará pontos – e muitos – como extraordinária estimuladora da criação literária”.

Imagem 56 – Primeiro livro



Fonte: Capa de *O assassinato dos pombos*, 1982.

No ano de 1982, Patricia recebeu *Menção Honrosa* na Semana do Livro de Novo Hamburgo pelo livro *O assassinato de pombos*. Foi nesse mesmo ano que ela ingressou na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul assumindo a cadeira número 26, cuja patrona era Lila Ripoll.

⁷¹ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

⁷² Em sua maioria, as capas das obras, que seguem, foram digitalizadas pela autora desta dissertação.

O primeiro romance, *Jogo de fiar*, surgiu em 1983 e iniciou a *Trilogia da solidão*. A sessão de autógrafos ocorreu na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi de Porto Alegre. Na imagem 57, Patricia autografa um exemplar da obra.

Imagem 57 – Autógrafos de *Jogo de fiar*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A Editora Nova Fronteira foi responsável pela edição e a obra foi lançada, inicialmente, no Rio de Janeiro⁷³. A capa da primeira edição (Imagem 58) foi desenvolvida pelo designer Victor Burton. A imagem que aparece na capa de *Jogo de fiar* é do pintor carioca Roberto Feitosa e retrata uma paisagem.

Imagem 58 – Primeiro romance



Fonte: Capa de *Jogo de fiar*, 1983.

⁷³ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

Jogo de fiar foi um livro que lhe concedeu reconhecimento. Por ele, Patricia recebeu, em 1983, o *Prêmio Medalha da Inconfidência – Grau Ouro* (Imagem 59) oferecido pelo governador Tancredo de Almeida Neves em Ouro Preto, Minas Gerais⁷⁴.

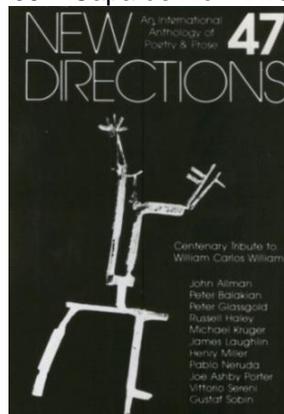
Imagem 59 – Prêmio Medalha da Inconfidência



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Também em 1983, o conto “Can Freud explain?” compôs a antologia *New directions 47* (Imagem 60), editada na Inglaterra pela Directions Publishing Corporation sob organização de J. Laughin, Peter Glassgold e Elizabeth Harper, com tradução de Giovanni Pontiero e apresentação de Lygia Fagundes Telles⁷⁵.

Imagem 60 – Capa de *New Directions 47*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁷⁴ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

⁷⁵ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

O segundo romance, *Antes que o amor acabe*, editado pela Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, foi lançado em 1984, na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi de Porto Alegre (Imagem 61).

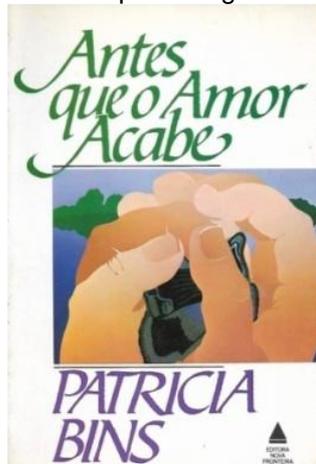
Imagem 61 – Sessão de autógrafos de *Antes que o amor acabe*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A capa (Imagem 62) é novamente de autoria de Victor Burton e reproduz a gravura “Prisioneiros (em berço esplêndido)”, da artista italiana radicada no Rio de Janeiro, Pietrina Checcacci.

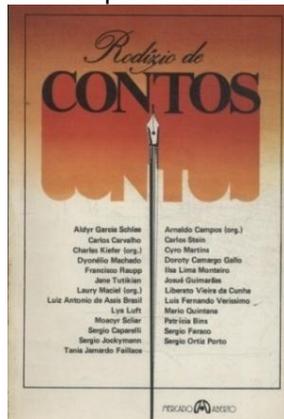
Imagem 62 – Capa do segundo romance



Fonte: Capa de *Antes que o amor acabe*, 1984.

No ano seguinte, 1985, o conto “Não sei quem sou” foi publicado na coletânea *Rodízio de contos* (Imagem 63). A obra contava com vinte cinco escritores e saiu pela Editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, sob a organização dos escritores Arnaldo Campos, Laury Maciel e Charles Kiefer.

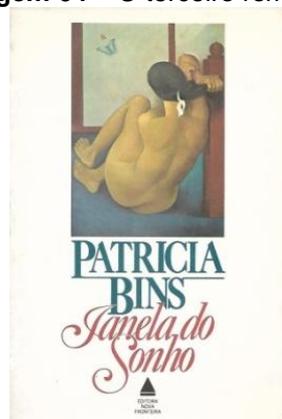
Imagem 63 – Capa de *Rodízio de contos*



Fonte: Capa de *Rodízio de contos*, 1985.

Janela do sonho, último romance da *Trilogia da solidão*, foi publicado em 1986, pela Editora Nova Fronteira. O lançamento ocorreu na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi de Porto Alegre. Victor Burton foi novamente o responsável pela capa (Imagem 64) e a pintura reproduzida é “Mariposas tropicais”, de Ado Malagoli. Com essa obra, Patricia recebeu o *Prêmio Afonso Arinos* da Academia Brasileira de Letras e a *Menção Especial* da União Brasileira de Escritores (UBE), no Rio de Janeiro⁷⁶.

Imagem 64 – O terceiro romance



Fonte: Capa de *Janela do sonho*, 1986.

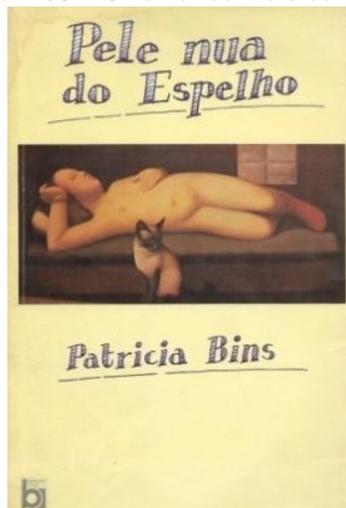
⁷⁶ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

Outro conto publicado em coletânea foi “Narcisa”, inserido em *Memórias de Hollywood*, de 1988, pela Editora Nobel de São Paulo e sob a organização de Julieta Godoy Ladeira.

A *Trilogia da paixão* teve início com o romance *Pele nua do espelho* de 1989. A partir de então, Patricia mudou de editora. Conforme cronologia presente no *site* do DELFOS, ela havia recebido convite de Rosemary Alves, editora da Bertrand Brasil. Com a morte de Sérgio Lacerda, editor da Nova Fronteira, e sucessiva decaída desta editora, Patricia assinou contrato com a Bertrand Brasil.

O projeto gráfico da capa (Imagem 65) dessa obra é de Felipe Taborda, com foto da pintura “O Guardiã – Homenagem a Lucas Cranachde”, do artista Reynaldo Fonseca.

Imagem 65 – O romance mais complexo



Fonte: Capa de *Pele nua do espelho*, 1989.

Pele nua do espelho foi o livro mais difícil de escrever, que exigiu muita pesquisa⁷⁷, mas que lhe rendeu o *Prêmio Coelho Neto*, da Academia Brasileira de Letras em 1991.

⁷⁷ Segundo entrevista concedida a Daniel Dutra: BINS, P. As mulheres ainda são escravas. *CS Zona Sul*. Porto Alegre, 1ª quinzena nov. 1998, p. 8-10.

Na imagem 66, Patricia posa ao lado do Presidente da ABL, à época, Austregésilo de Athayde, na cerimônia de recebimento do prêmio.

Imagem 66 – Prêmio Coelho Neto



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A sessão de autógrafos de *Pele nua do espelho* ocorreu no Teatro Renascença, do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre. Na imagem 67, Patricia posa ao lado de jornalista e crítico de cinema, que também foi seu editor, Paulo Fontoura Gastal.

Imagem 67 – Autógrafos de *Pele nua do espelho*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A obra teve livre adaptação para o teatro (Imagem 68) por José Baldissera e foi interpretada pelos atores Dinorah Araújo (Imagem 69), José Baldissera, Cláudio Vizzoto, Helena Bins, neta de Patricia, e participação especial de Vilson Ayala, ao piano. Houve apresentação no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano e painel no Teatro Renascença e na 2ª Feira do Livro de Canela⁷⁸.

Imagem 68 – A peça teatral *Pele nua do espelho*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 69 – Patricia e Dinorah Araújo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁷⁸ RG CULTURAL. Dramatização e painel sobre *Pele nua do espelho* no ICBNA. Porto Alegre, 5 jun. 1990.

Em 1990, Patricia teve seu conto “*Destination*” incluído na coletânea *Landscaps of a new land* editada pela White Pine Press, de Buffalo, New York. A organização foi de Marjorie Agosin, professora chilena exilada nos Estados Unidos⁷⁹.

1990 foi o ano de lançamento do fascículo da série *Autores Gaúchos* nº 28 referente à Patricia Bins (Imagem 70). A publicação do Instituto Estadual do Livro (IEL/RS) tinha como objetivo difundir a literatura produzida no Rio Grande do Sul, no intuito de apoiar o surgimento de novos escritores e preservar a memória literária e cultural do Estado. O fato de Patricia Bins fazer parte dessa publicação, ao lado de autores como Antônio Carlos Resende, Walmir Ayala, João Gilberto Noll, Vianna Moog, José Clemente Pozenato, Roberto Bittencourt Matins, Tabajara Ruas, Charles Kiefer e Laury Maciel, demonstra o reconhecimento que essa instituição conferiu à Patricia Bins.

Imagem 70 – Capa de *Autores Gaúchos*



Fonte: Capa de *Autores Gaúchos*, 1990.

O fascículo é composto por entrevista ao autor, cronologia (o autor e seu tempo), ensaio crítico, fragmentos da obra, bibliografia, resenhas e depoimentos, é ilustrado com fotografias do acervo pessoal do autor e do ensaio produzido para a publicação. No número de Patricia, a entrevista foi realizada pelas professoras da UFRGS Maria Helena Weber e Rita Terezinha Schmidt e por Maria Zenilda Grawunder. A professora da PUCRS e amiga pessoal de Patricia, Dileta Silveira

⁷⁹ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

Martins, foi responsável pela organização da cronologia, pela seleção dos textos e pelo ensaio crítico intitulado “Os descaminhos da solidão”.

As imagens 71, 72 e 73 são da sessão de autógrafos do fascículo. Para a ocasião, a autora escolheu uma boina branca e óculos de sol, apesar de o evento ter ocorrido à noite. Na imagem 72, Patricia cumprimenta a Profª Dra. Dileta Silveira Martins, organizadora e colaboradora do número de Patricia.

Imagem 71 – Patricia e o fascículo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 72– Patricia e Dileta Silveira Martins



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Na imagem 73, Patricia posa ao lado do neto Cristiano, presente ao ato.

Imagem 73– Patricia e o neto Cristiano



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Na 37ª Feira do Livro de Porto Alegre em 1991, Patricia lançou o romance *Theodora*, 2º volume da *Trilogia da paixão*, sob a edição da Bertrand Brasil. A capa (Imagem 74) reproduz a pintura “Aurora”, do filho Carlos H. Bins.

Imagem 74 – Capa de *Theodora*



Fonte: Capa de *Theodora*, 1991.

Na imagem 75 e 76, Patricia autografa *Theodora*. A autora tinha o costume de lançar seus livros na Feira do Livro de Porto Alegre. Pela imagem 75, na qual aparece admirando um buquê de rosas, vê-se Patricia em uma sessão de autógrafos da Feira do Livro.

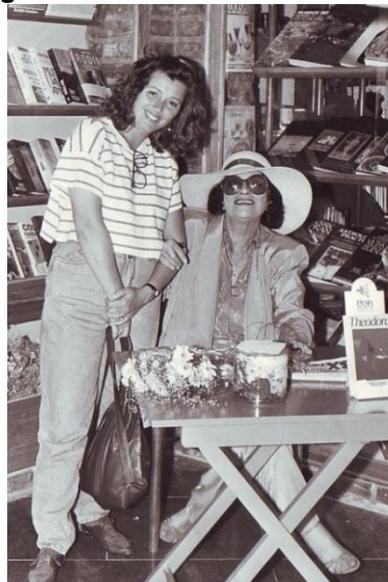
Imagem 75 – Sessão de autógrafos



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

A família e os amigos compareceram a essas cerimônias, que se revestiam de muito significado para a autora. Na foto 76, Patricia, elegantemente trajada, completa seu vestuário com um chapéu de abas largas e óculos escuros, a seu gosto, e que constituía um item fundamental do seu vestuário. Ao seu lado, na foto, aparece a nora Ivone Rizzo Bins.

Imagem 76 – Patricia e Ivone Rizzo Bins



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Esse romance recebeu o *Prêmio José Alexandre Cabassa* da União Brasileira dos escritores (UBE) em 1993 (Imagem 77).

Imagem 77 – Prêmio José Alexandre Cabassa

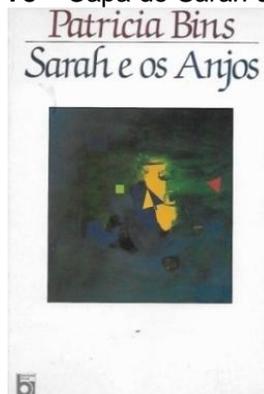


Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Em 1992, Patricia publicou o conto “*Narcisa*” na edição bilíngue *Marcosul/sur – contos/cuentos*, pela editora Tchê de Porto Alegre. O escritor, editor e músico Sérgio Napp foi o responsável pela organização. Para a publicação foram convidados sete autores rio-grandenses e sete argentinos, entre eles, José Gabriel Ceballos, Mempo Giardinelli, Orlando Van Bredan, Patricia Bins, Sérgio Napp, etc. Na ocasião, Patricia foi à Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, Argentina, para o lançamento.

A última obra da *Trilogia da paixão*, *Sarah e os anjos* (Imagem 78), foi lançada em 1993, pela Bertrand Brasil.

Imagem 78 – Capa de *Sarah e os anjos*



Fonte: Capa de *Sarah e os anjos*, 1993.

As imagens 79 e 80 foram obtidas durante a sessão de autógrafos. Maria Luiza Chaves Barcelos (à esquerda) e Dileta Silveira Martins aparecem na imagem 79; já na imagem 80, Patricia posa ao lado do filho mais novo, Carlos Henrique, autor da pintura intitulada “A tarde dos amantes”, que ilustra a capa do livro.

Imagem 79 – Sessão de autógrafos de *Sarah e os anjos*



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Na ocasião, Patricia completou o figurino com uma boina preta.

Imagem 80 – Patricia e o filho Carlos Henrique



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Com *Sarah e os anjos*, Patricia recebeu o *Prêmio José de Alencar* da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1994. Nas imagens que seguem, 81 e 82, Patricia posa ao lado das escritoras Nélida Piñon e Raquel de Queiroz respectivamente, na ocasião do recebimento do prêmio, no Rio de Janeiro.

É interessante notar que os acessórios na cabeça compõem o figurino de Patricia: ora é um chapéu, ora uma boina etc.

Imagem 81 – Patricia e Nélida Piñon



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS

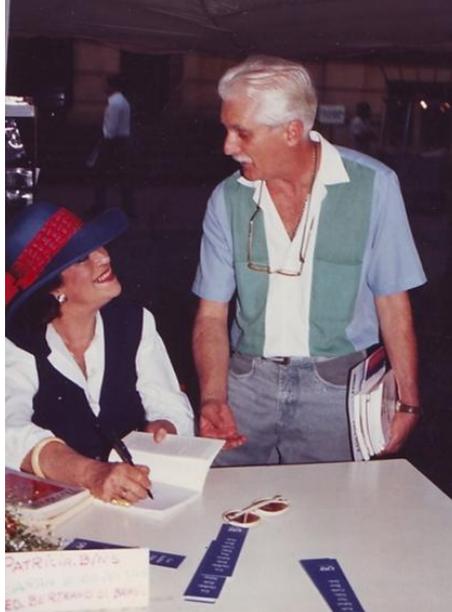
Imagem 82 – Patricia e Raquel de Queiroz



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Os escritores Sérgio Napp (Imagem 83) e Luiz Antonio de Assis Brasil (Imagem 84) prestigiaram Patricia, na sessão de autógrafos de *Sarah e os anjos*, como de costume, na Feira do Livro de Porto Alegre.

Imagem 83 – Patricia e Sérgio Napp



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 84– Patricia e Luiz Antonio de Assis Brasil

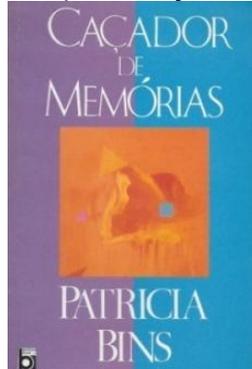


Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Em 1995, Patricia deu início a uma nova *Trilogia da sedução* ou de *Eros*, iniciado-se com a obra *Caçador de memórias*, publicada pela Editora Bertrand Brasil. O lançamento ocorreu na Bienal do Livro do Rio de Janeiro e na Livraria Sulina do Shopping Praia de Belas de Porto Alegre.

O projeto gráfico da capa (Imagem 85) foi de Leonardo Carvalho, com a tela “Aura”, de Carlos H. Bins.

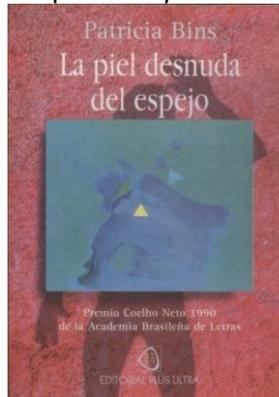
Imagem 85 – Capa de *Caçador de memórias*



Fonte: Capa de *Caçador de memórias*, 1995.

A obra *Pele nua do espelho* foi traduzida para o espanhol com o incentivo da embaixada do Brasil na Argentina sob o título *La piel desnuda del espejo* (Imagem 86) com a tradução de Danilo Alberto Vergara. Assim em 1995, Patricia representou o Brasil como única escritora brasileira na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires e recebeu o *Prêmio Personalidade Cultural Internacional* da UBE por essa tradução⁸⁰.

Imagem 86 – Capa de *La piel desnuda del espejo*



Fonte: Capa de *La piel desnuda del espejo*.

A repercussão de Patricia Bins e de sua obra alargou-se e, por isso, a Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil (AJEB) propôs 1995 como o *Ano Patricia Bins*. O evento que ocorria no Rio de Janeiro conferia todo ano o prêmio a uma mulher de destaque nas letras.

⁸⁰ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

Nos anos seguintes, 1996 e 1997, investiu em literatura infantojuvenil, área na qual ainda não havia entrado e publicado livros. Na Feira do Livro de Porto Alegre, lançou os livros infantojuvenis: *O dia da árvore* (Imagem 87) e *Pedro e Pietrina*. Com este último, Patricia participou da Bienal do Livro do Rio de Janeiro⁸¹.

Imagem 87 – Capa de *O dia da árvore*



Fonte: Capa de *O dia da árvore*, 1996.

Dinorah Araújo, atriz que protagonizou a peça teatral *Pele nua do espelho*, e Patricia, aparecem na imagem 88. Dinorah segura seu exemplar de *O dia da árvore* e, provavelmente, tem uma muda de árvore, presente que o leitor recebia com o autógrafo desse livro, na 42ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Imagem 88 – Patricia e Dinorah Araújo



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

⁸¹ Conforme cronologia disponível no *site* do DELFOS.

A escritora infantojuvenil Maria Dinorah Luz do Prado e Patricia Bins (Imagem 89) posam na sessão de autógrafos da 43ª Feira do Livro de Porto Alegre. A foto é significativa, pois Maria Dinorah era uma autora de livros para os públicos infantil e juvenil. Nessa mesma ocasião, Patricia é registrada ao lado da irmã, na imagem 90.

Imagem 89 – Patricia e Maria Dinorah



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Imagem 90 – Patricia e a irmã Elizabeth Anne Bush



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Em 1998, Patricia foi homenageada como patrona da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, um dos maiores eventos culturais do estado, cuja primeira edição ocorreu em 1955. Patricia foi a terceira mulher a ocupar o posto. Antes dela, foram patronas as escritoras gaúchas Maria Dinorah Luz do Prado, em 1989 e Lya Luft, em 1996.

Naquele ano, houve a feliz coincidência de o lema da feira, “O Mundo na Praça” ter relação com a patrona que era filha de estrangeiros e nasceu no Rio de Janeiro.

Quanto a sua relação com a Feira, Patricia afirmou: “Desde que comecei a escrever livros e a publicá-los, eu os lancei primeiramente na Feira. Quer dizer que minha relação com a Feira é de amor⁸²” Na imagem 91, Patricia posa com o troféu recebido do antecessor Luiz Antônio de Assis Brasil.

Imagem 91 – Patricia com o troféu de patrona



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

O Presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Paulo Flávio Ledur⁸³, explicou a escolha de Patricia como patrona:

Temos para nós que o conjunto da obra de Patricia Bins, os muitos e importantes prêmios conquistados e a conseqüente projeção nacional e internacional que granjeou para si e para a literatura rio-grandense justicam plenamente sua escolha.

O jornal *Correio do Povo* chamou atenção quanto à aparência da patrona⁸⁴:

Na linha da moda, com um estilo igualmente marcante, lembrando as famosas divas do cinema internacional, a escritora Patricia Bins. Com seus

⁸² BINS, P. Patricia tem o mundo nas veias. *Ponto & Vírgula*. SMC, Porto Alegre, 13 nov. 1998. Nº 13.

⁸³ LEDUR, Paulo Flávio. Uma difícil decisão. *Jornal da Câmara Rio-Grandense do Livro*, Porto Alegre, set. 1998, p. 5.

⁸⁴ CORREIO DO POVO: Notei, você notou? Porto Alegre, 8 set. 1998.

chapéus e boinas que caracterizam sua personalidade. A autora estava simplesmente ótima na abertura da 44ª Feira do Livro da qual é patronesse. Uma homenagem muito merecida.

O acessório é tão marcante na configuração da persona que a própria empresa jornalística chama atenção a ele, no artigo.

Naquele ano de patrona, Patricia lançou junto com Dileta Silveira Martins a antologia *Brasil, receitas de criar e cozinhar* v.1 (Imagem 92), que contou com a colaboração de amigos e escritores contemporâneos de todo país.

Imagem 92 – Capa de *Brasil: receitas de criar e cozinhar*



Fonte: Capa de *Brasil: receitas de criar e cozinhar*, 1997.

Na imagem 93, Patricia aparece, novamente, ao lado da escritora Maria Dinorah, na sessão de autógrafos da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, destacando-se seu chapéu de abas largas, com a copa cercada por tecido na mesma estampa da vestimenta e grandes óculos, outro acessório que compõe sua imagem.

Imagem 93 – Patricia e Maria Dinorah



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

Na imagens 94, Patricia aparece recebendo o *Troféu Mulher Destaque* da Revista *Imagem News* (Imagem 94), em 1998. Ela posa ao lado da nora Ivone e do filho mais velho Roberto.

Imagem 94 – Troféu Mulher Destaque



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

O primeiro romance de Patricia, *Jogo de fiar*, recebeu segunda edição em 1999. Na imagem 95, aparecem Patricia e a Prof^a Dra. Helenita Rosa Franco, estudiosa da obra.

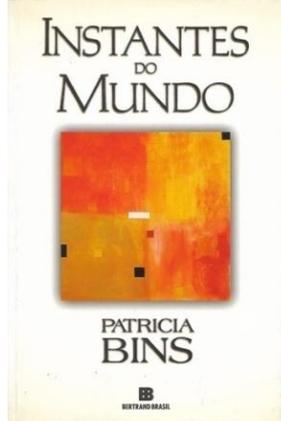
Imagem 95 – Patricia e Helenita Rosa Franco



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

O último romance, segundo volume da *Trilogia de Eros*, intitulado *Instantes do mundo*, foi lançado no mesmo ano, na 45ª Feira do Livro de Porto Alegre, pela Editora Bertrand Brasil, do Rio de Janeiro. A capa (Imagem 96) traz a tela “A queda de Ícaro”, do filho Carlos H. Bins.

Imagem 96 – O último romance



Fonte: Capa de *Instante do mundo*, 1999.

Na imagem 97, Patricia autografou o livro para o filho mais velho, Roberto Jr., na Feira do Livro de Porto Alegre. Nota-se a escolha de Patricia por outro modelo de chapéu combinando com a vestimenta.

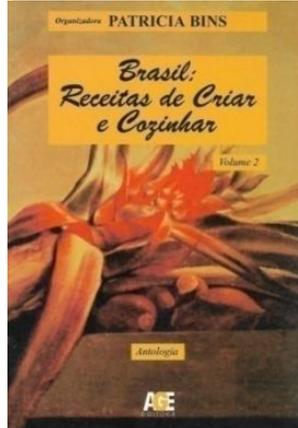
Imagem 97 – Patricia e Roberto Jr.



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

O último livro de Patricia, segundo volume da antologia *Brasil: receitas de criar e cozinhar* (Imagem 98) foi publicado em 2001, pela Editora Age e também contou com a colaboração de amigos e escritores, que compartilhavam receitas, seja de criação literária, seja de culinária. A ilustração da capa é um detalhe da tela “Abacaxi e mamão”, de Albert Ekhout.

Imagem 98 – A última publicação



Fonte: Capa de *Brasil: receitas de criar e cozinhar*, 2001.

Com esse livro, Patricia Bins encerrou sua carreira de escritora e a partir de então passou a sofrer da diminuição da visão o que a desvinculou da vida literária.

5 ÚLTIMA FOTO

No ano de defesa desta dissertação, Patricia completou 11 anos de falecimento. Os últimos anos não lhe foram fáceis devido às constantes internações hospitalares e à cegueira, que não mais a possibilitava realizar uma das atividades que mais amou, a leitura.

O falecimento ocorreu em 4 de janeiro, por complicações cardíacas, na capital gaúcha. No dia seguinte, o jornal *Correio do Povo* (Imagem 99) publicou nota de falecimento lembrando da escritora, que colaborou mais de quinze anos com o periódico.

Imagem 99 – Reportagem CP



O jornal *Zero Hora*, de 6 de janeiro (Imagem 100) também divulgou o ocorrido, que, certamente, repercutiu em outros periódicos de Porto Alegre⁸⁵, visto a popularidade da escritora na época. A reportagem da *Zero Hora* trouxe as palavras do escritor Moacyr Scliar sobre a amiga. Para ele, Patricia era dotada de alma sensível e grandeza pessoal incrível.

⁸⁵ As duas reportagens de jornal (Imagem 99 e 100) estão disponíveis no acervo Patricia Bins. A Profª Dra. Helenita Rosa Franco foi a responsável pela coleta das reportagens e anexação ao acervo.

Imagem 100 – Reportagem ZH

30 | Geral > ZERO HORA > DOMINGO | 6 | JANEIRO | 2008

Cultura Autora de “Pele Nua do Espelho” e “Jogo de Fiar”, a escritora, artista plástica e poeta morreu na sexta-feira, em Porto Alegre, de complicações cardíacas

Morre escritora Patrícia Bins

Morreu na sexta-feira, em Porto Alegre, a escritora Patrícia Bins, aos 79 anos, vítima de problemas cardíacos. Nascida no Rio de Janeiro, Patrícia era também artista plástica e poeta e vivia em Porto Alegre com a família desde a juventude.

A mulher que se notabilizou como estilista do idioma português foi alfabetizada em inglês. Nascida em 24 de julho de 1928, Patrícia Doreen Bins era filha da inglesa Iris Holliday e do húngaro Andrew Stroh. A família morou por um tempo em Belo Horizonte e transferiu-se para Porto Alegre ainda na infância de Patrícia. Ela deu aulas de inglês desde os 14 anos, estudou no Instituto de Belas Artes e tornou-se pintora antes de se dedicar mais intensamente a uma carreira literária.

De acordo com o artista plástico Carlos Henrique Bins, 51 anos, o mais novo de seus dois filhos, a escritora já vinha com a saúde debilitada há algum tempo, e seu coração não resistiu a uma última infecção pulmonar, responsável por uma internação recente. Patrícia era viúva do arquiteto Roberto Haroldo Bins, com quem teve, além de Carlos Henrique, o hoje engenheiro de 54 anos Roberto Bins. Tinha três netos, um quarto por nascer.

Como autora, Patrícia Bins foi escritora de livros que apostam na criação de atmosferas íntimas construídas com um lirismo que aproxima sua prosa da poesia que também praticou e que considerava a maior manifestação literária. Dentre seus romances mais conhecidos, destacam-se *Pele Nua do Espelho*, *Jogo de Fiar* e *Antes*

que o Amor Acabe, além dos chamados “cronicontos” com os quais iniciou sua carreira. Foi também autora de dois livros infantis: *Diário da Árvore* e *Pietrina*. Participou também de diversas antologias, algumas no Exterior. Também trabalhou no jornal *Correio do Povo* por quase duas décadas, onde foi responsável pela edição do suplemento cultural.

Em 1998, Patrícia Bins foi a terceira mulher a ocupar o patronato da Feira do Livro de Porto Alegre, em 44 anos de história. Antes dela, Maria Dinorah e Lya Luft estiveram no posto de honra no cenário da Praça da Alfândega.

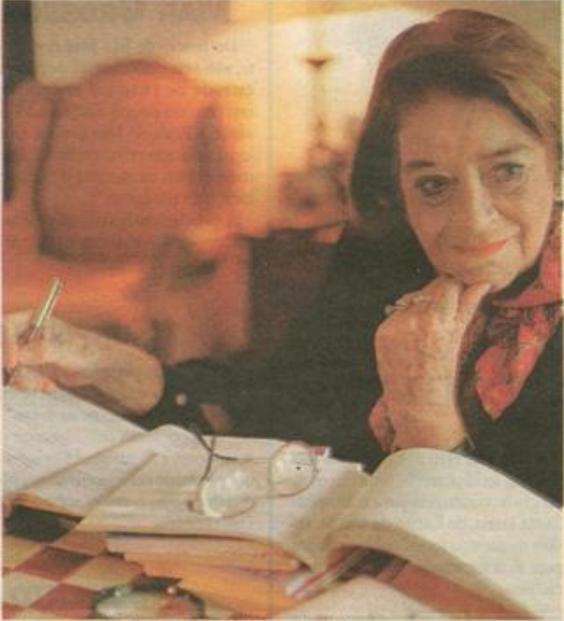
O escritor e membro da Academia Brasileira de Letras Moacyr Scliar era amigo da escritora desde os anos 1970. Scliar destaca o pioneirismo de Patrícia Bins na vertente literária feminina, hoje tão em voga:

– Era uma escritora de alma sensível, de uma grandeza pessoal incrível e talentosa narradora. Se tivesse que resumir numa frase: Patrícia contribuiu muito para a literatura no Estado e deixará saudade.

Durante muito tempo, Patrícia morou na chácara da família, no bairro Ipanema, em Porto Alegre. A casa traduzia um pouco da dona, com árvores, animais, flores e espaço. Antiguidades, velhas fotografias, pinturas e desenhos faziam companhia à escritora, que, sempre em sua poltrona preferida, costumava redigir seus poemas e histórias de próprio punho:

– Escrevendo à mão, as palavras têm mais vida – dizia.

A cremação do corpo foi realizada às 11h deste sábado no Crematório Metropolitano, em Porto Alegre.



Em sua carreira, Patrícia Bins publicou obras infantis, romances e poemas

Principais obras

Trilogia da Solidão:	1989
> <i>Jogo de Fiar</i> , Nova Fronteira, 1983	> <i>Theodora</i> , Bertrand Brasil, 1991
> <i>Antes que o Amor Acabe</i> , Nova Fronteira, 1984	> <i>Sara e os Anjos</i> , Bertrand Brasil, 1993
> <i>Janela do Sonho</i> , Nova Fronteira, 1987	
Trilogia da Paixão:	Livros infantis:
> <i>Pele Nua do Espelho</i> , Bertrand Brasil,	> <i>Diário da Árvore</i> , Bertrand Brasil, 1995
	> <i>Pietrina</i> , Bertrand Brasil, 1995

Fonte: Jornal *Zero Hora*, 6 jan. 2008.

Patrícia foi uma artista, que alternou entre as pinceladas e a escrita, tendo deixado um extenso legado. Para ela, literatura era coisa séria: “Escrever é como respirar⁸⁶”, dizia:

Nós, os escritores, oferecemos aos leitores o último reduto da liberdade, pois conseguimos fazer com que nos leiam, meditem e questionem. [...] Não

⁸⁶ BINS, P. Patrícia Bins é patronesse. *Jornal do Comércio*, Panorama. Porto Alegre, 16 set. 1998, nº 66.

acredito que a literatura desapareça! O livro é um objeto do afeto, como um brinquedo de criança ou um bichinho de estimação⁸⁷.

Com um amor imenso projetado em inúmeras direções: aos leitores, que receberam o produto de sua faina; aos familiares; ao próximo, com quem se importava; à natureza, com que procurou estar em comunhão, Patricia escreveu uma notável história nas letras gaúchas.

Esta proposta fotobiográfica composta por uma centena de fotografias mostrou a partir de imagens e de comentários possíveis, a escritora, que criou raízes em Porto Alegre e que sempre teve consciência da grandeza de sua profissão. Ultrapassando os sentidos que a palavra limitada expressa, esta fotobiografia revelou detalhes, alguns deles perceptíveis apenas aos leitores mais atentos e buscou recuperar um passado, que as imagens mostram, e que sem trabalhos desta natureza começam a se perder.

Antes que o amor acabe é uma celebração à Patricia. Que seja feita a sua vontade e o amor não seja apenas uma palavra desgastada de seu significado fundamental.

⁸⁷ BINS, P. Lá onde cantam os sabiás. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 out. 1998, p. 6-7. Entrevista concedida a Tania Barreiro.



Fonte: Acervo Patricia Bins, DELFOS.

REFERÊNCIAS

AGOSIN, M. (org.). Destination. In: *Landscapes of a New Land*. Buffalo: White Pine Press, 1990.

AUTORES GAÚCHOS. v. 28. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro (IEL), 1990.

BARREIRO, Tania. Lá, onde cantam os sabiás, Patricia Bins questiona o relacionamento humano e garante a permanência da literatura tradicional. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 out. 1998, p. 6-7.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2012.

_____. Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BINS, Patricia. *O assassinato dos pombos: cronicontos*. Porto Alegre: Metrópole, 1982.

_____. *Jogo de fiar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Antes que o amor acabe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Janela do sonho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Pele nua do espelho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *Theodora*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. *Sarah e os anjos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Caçador de memórias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *O dia da árvore*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. *Pedro e Pietrina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Instantes do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Jogo de fiar*. 2ª Ed. Porto Alegre: Age, 1999.

_____. (Org.). *Brasil: receitas de criar e cozinhar*. v.1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. (Org.). *Brasil: receitas de criar e cozinhar*. v. 2. Porto Alegre: AGE, 2001.

_____. Patricia Bins: às vezes acontecem vazios, então recomeço. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 3 mar. 1974.

_____. Antes que o amor acabe. *Conquista*. Porto Alegre, [s.d.] 1984, p. 3.

_____. Trabalho deve ser uma alegria e não uma maratona diária. *Zero Hora*, 3 abr. 1984.

_____. Patricia Bins é a patronesse. *Jornal do Comércio, Panorama*. Porto Alegre, 16 set. 1998, nº 66.

_____. Lá, onde cantam os sabiás. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 30 out. 1998, p. 6-7.

_____. Mergulho na alma. *Gazeta Mercantil*. Porto Alegre, 30 out. 1998, ano II, nº 318.

_____. As mulheres ainda são escravas. *CS Zona Sul*. Porto Alegre, 1ª quinzena nov. 1998, p. 8-10.

_____. Patricia tem o mundo nas veias. *Ponto & Vírgula*. SMC, Porto Alegre, 13 nov. 1998, nº 12.

_____. Eu gosto de cutucar o leitor. *CS Zona Sul*. Porto Alegre, abr. Ed. 50 p.12. [s.d]

BORDINI, Maria da Glória. *Manual de organização do acervo literário de Erico Verissimo*. Cadernos de Pesquisas Literárias da PUCRS, Porto Alegre: EDIPUCRS. v.1, n.1 jan. 1995.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1896577/mod_resource/content/1/Pierre%20Bourdieu%20-%20A%20ilus%C3%A3o%20biogr%C3%A1fica.pdf> Acesso em: 10 dez. 2017.

BRUNO, F. *Fotobiografia: por uma metodologia da Estética em Antropologia*. (Tese de Doutorado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

_____. Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética. In: *Revista Espaço Acadêmico*, n. 163, dez. 2014. ISSN. 1519-6186. Acessível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/26003/13967>> Acesso em 6 jan.2019.

CABALLÉ, Anna. ¿Cómo se escribe una biografía? In: *Rubrica Contemporanea*, v.1, n.1, 2012. (ISSN. 2014-5748) Disponível em: <revistes.uab.cat/rubrica/article/download/caballe-v1n2/pdf> Acesso em: 5 jan. 2019.

COLEÇÃO *Suplemento Mulher* do *Jornal Folha da Tarde*. Porto Alegre: 1978-1984.

CAMPOS, A. (Org.). Não sei quem sou. In: *Rodízio de contos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

CORREIO DO POVO. Notei, você notou? Porto Alegre, 8 set. 1998.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GASPAROTTO, Paulo. O bom gosto em Torres. *Zero Hora*. [s.d].

GOTLIB, Nadia Battela. *Clarice fotobiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

LADEIRA, J. G (org.). Narcisa. In: *Memórias de Hollywood*. São Paulo: Nobel, 1987.

LEDUR, Paulo Flávio. Uma difícil decisão. *Jornal da Câmara Rio-Grandense do Livro*, Porto Alegre, set. 1995, p. 5.

LAUGHIN, J. GLASSGOLD, P. (org.). Can Freud explain? In: *New Directions*. New York: New Directions Publishing Corporation, 1983.

LIMA, Maria Tereza. O “pacto autobiográfico” e os álbuns fotográficos. In: *Anais - 1º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários*. Paraná: Maringá, 2010. (ISSN 2177-6350).

LISBOA, Luís Carlos. As belas residências em Torres. *Folha da Tarde*. Porto Alegre, 17 fev. 1968.

_____. A pintura é muito importante para os Bins. *Zero Hora*. Porto Alegre, 3 out. 1970.

_____. Eles estão em destaque. Roberto e Patsy Bins. *Zero Hora*. Porto Alegre, 27 set. 1971. Revista ZH, p. 18.

MENDES, Marta Freitas. *(Re)configurações do feminino na trilogia da solidão de Patricia Bins*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras). – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grandes do Sul, Porto Alegre, 2019.

MOREIRA, M. E. DELFOS, Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS: a história de um projeto. In: AZEVEDO, S. M. (Org.), *Acervos de intelectuais: desafios e perspectivas*. Assis Unesp, 2018, p. 18-27.

MOREIRA, M. E; CABALLÉ, A. (orgs). A hora da biografia. In: *Letras de Hoje*, v.53, n. 2, Porto Alegre abr./jun. 2018. ISSN 1984-7726.

MORRE ESCRITORA Patricia Bins. *Zero Hora*, Porto Alegre, 6 jan. 2008.p.30

PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. DELFOS. *Patricia Bins*. Porto Alegre [s.d]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=bins>>.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. DELFOS. *Revista do Globo*. Porto Alegre [s.d]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/delfos/?p=globo>> Acesso em: 26 jun.2018.

PONTO DE ARTE LEILÕES – PORTO ALEGRE. Item 170. Porto Alegre. [s.d]. Disponível em: <<http://www.pontodearteleiloes.com.br/peca.asp?ID=348458>>.

REIS, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.

RG CULTURAL. Dramatização e painel sobre Pele nua do espelho no ICBNA. Porto Alegre, 5 jun. 1990.

ROCHA, Patrícia. Uma dama inglesa na literatura gaúcha. *Zero Hora*, Segundo Caderno, Porto Alegre, 19 set. 1998.

RS PERDEU A ESCRITORA Patricia Bins. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 5 jan. 2008.

SORTIMENTOS.COM. Exposição Elas, o sagrado feminino de Carlos Henrique Bins, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://sortimentos.com/exposicao-ellas-o-sagrado-feminino-de-carlos-henrique-bins/>>.

VALENZUELA, Stella Maris. A feira já tem anfitriã. *Extra Classe*. Porto Alegre, set. 1998. Disponível em: <<http://www.extraclasse.org.br/edicoes/1998/09/a-feira-ja-tem-anfitria/>> Acesso em: 26 de junho de 2018.

ZERO HORA. Elas & artes. Porto Alegre, 5 set. 1990.

_____. Ponto a ponto. Porto Alegre, 22 nov. 1998.

APÊNDICE – Cronologia⁸⁸

1926 Andor Stroh e Iris Holliday, pais de Patricia, conheceram-se em Londres e lá se casaram.

1927 Viagem do casal Stroh ao Rio de Janeiro.

1928 Estabelecimento na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana. Nasce Patricia Doreen Stroh no *Strangers' Hospital* do Rio de Janeiro em 24 de julho.

1933 Bilíngue, a menina Patricia aprende a ler aos cinco anos de idade.

1934 A família Stroh muda-se para Belo Horizonte e Patricia começa a frequentar escola particular.

1935 Nasce a irmã mais nova Elizabeth Anne, em 12 de abril.

1940 Mudança da família para Porto Alegre, na Rua Barão do Santo Ângelo, Bairro Moinhos de Vento. Patricia ingressa na quarta série no Colégio Americano e ganha o *Prêmio Joyce Almeida* por ter tirado as melhores notas naquele ano. Escreve o primeiro poema intitulado “O beijo”.

1942 Com 14 anos, dá aulas particulares de inglês em sua residência.

1945 Com 17 anos, recebe convite do diretor do Instituto Cultura Norte-Americano para dar aulas de inglês nessa escola de idiomas. É pela primeira vez capa da *Revista do Globo*.

1947 Ingressa no curso de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes da UFRGS, onde conhece o futuro esposo Roberto H. Bins.

1950 Forma-se em Artes Plásticas.

1952 Casa-se com Roberto H. Bins em 31 de janeiro na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, de Porto Alegre.

⁸⁸ Esta cronologia foi elaborada a partir das seguintes fontes: cronologia de Patricia Bins disponível no site do DELFOS, fascículo *Autores Gaúchos* v.28 (IEL/RS) e reportagens publicadas na mídia, também disponíveis no acervo da escritora.

1953 Nasce o primeiro filho, Roberto H. Bins Jr., em 27 de janeiro no Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre.

1956 Nasce o segundo filho, Carlos Henrique Bins em 7 de fevereiro no Hospital Moinhos de Vento. Inicia-se a construção da casa projetada por Roberto no Bairro Tristeza.

1957 Com a casa pronta, mudança para Rua Otto Niemeyer, 77, terreno com fundos para o Guaíba. A família Bins veraneia em Torres, RS.

1968 Começa trabalhar no jornal *Correio do Povo*, sob direção de Breno Caldas e edição de Paulo F. Gastal e Lygia Nunes.

1970 Leciona na Escola de Idiomas Yázigi de Porto Alegre.

1971 Em 8 de fevereiro, Roberto H. Bins sofre o primeiro derrama cerebral e Patricia pede demissão do Yázigi.

1972 O filho mais velho, Roberto H. Bins Jr., ingressa no curso de Engenharia Civil da UFRGS.

1973 Patricia e Roberto abrem o escritório de arte/antiquário *Ilhantiga*, na Rua Dr. Timóteo.

1974 Falece Andor Stroh, pai de Patricia. Carlos Henrique Bins inicia o curso de Arquitetura, na UFRGS.

1976 A partir de julho, começa a trabalhar na coordenação do Suplemento *Mulher*, da *Folha da Tarde*, sob direção do jornalista Edmundo Soares.

1977 Em 1º de julho, o filho mais velho, Roberto H. Bins Jr. se casa com Ivone Rizzo na Igreja São José.

1978 Nasce Helena Rizzo Bins, a primeira neta de Patricia, em 6 de dezembro, no Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre.

1980 Nasce Cristiano Rizzo Bins, o segundo neto, em 16 de novembro, no Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre. Lança o primeiro livro *O assassinato dos*

pombos – cronicontos, pela Editora Metrópole, no Salão Mourisco da Biblioteca Pública de Porto Alegre, às 18h30min, do dia 16 de dezembro.

1982 Ingressa na Academia Literária Feminina do RS, na cadeira de número 26 de Lila Ripoll e recebe a *Men o Honrosa* na Semana do Livro de Novo Hamburgo, RS, pelo livro *O assassinato dos pombos*.

1983 Publica o primeiro romance, *Jogo de fiar*, pela Editora Nova Fronteira, autografado na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi, em Porto Alegre. Recebe o *Prêmio Medalha da Inconfidência – Grau Ouro*, em Minas Gerais do governador Tancredo de Almeida Neves, pelo livro *Jogo de fiar*. Publica o do conto “Can Freud explain?” na antologia *New directions 47*.

1984 Em outubro, lança do romance *Antes que o amor acabe*, pela Editora Nova Fronteira, na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi, em Porto Alegre.

1985 Publica o conto “N  sei quem sou” na coletânea *Rodízio de contos*, pela Editora Mercado Aberto, sob organiza o de Arnaldo de Campos, em Porto Alegre.

1986 Em abril, publica do romance *Janela do sonho*, pela Editora Nova Fronteira, na Livraria Sulina do Shopping Iguatemi de Porto Alegre. Recebe o *Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras e a *Men o Especial* da União Brasileira dos Escritores, no Rio de Janeiro.

1987 Nasce Gabriela Rizzo Bins, terceira neta, em 12 de junho, no Hospital Moinhos de Vento, de Porto Alegre.

1988 Publica o conto “Narcisa” na coletânea *Memória de Hollywood*, pela Editora Nobel, de São Paulo, sob a organiza o de Julieta de Godoy Ladeira.

1989 Publica *Pele nua do espelho*, pela Editora Bertrand Brasil, autografado em 16 de maio no Teatro Renascença, do Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.

1990 Fecha o *Ilhantiga*. Publica o conto “Destination” na coletânea *Landscapes of a new land*, sob a White Pine Press de Buffalo, New York. Felece Iris Holliday Stroh, mãe de Patricia, em 12 de junho.

1991 Recebe o *Prêmio Coelho Neto*, da Academia Brasileira de Letras, por *Pele nua do espelho*. Publica *Theodora*, pela Editora Bertrand Brasil na 37ª Feira do Livro de Porto Alegre.

1992 Publica o conto “Narcisa” na antologia *Marcosul/sur – contos/cuentos*, pela Editora Tchê de Porto Alegre sob a organização de Sérgio Napp. O lançamento ocorreu em Porto Alegre e Buenos Aires. Recebe o *Prêmio Personalidade Cultural* da União Brasileira dos Escritores em 12 de maio, no Rio de Janeiro.

1993 Lança, em 26 de maio, *Sarah e os anjos*, pela Editora Bertrand Brasil, em Porto Alegre. Recebe o *Prêmio José Alexandre Cabassa*, da União Brasileira de Escritores pelo romance *Theodora*.

1994 Recebe o *Prêmio José de Alencar*, em 30 de junho, da Academia Brasileira de Letras pelo romance *Sarah e os anjos*.

1995 Lança *Caçador de memórias*, pela Editora Bertrand Brasil, primeiramente, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, o lança em 14 de setembro na Livraria Sulina do Shopping Praia de Belas. Lança *La piel desnuda del espejo*, pela Ultra Plus, tradução de Danilo Alberto Vergara, incentivada pela Embaixada do Brasil na Argentina e recebe o *Prêmio Personalidade Cultural Internacional* da UBE, por essa edição, na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires. Recebe a homenagem **Ano Patricia Bins**, da Associação dos Jornalistas e Escritores do Brasil, no Rio de Janeiro.

1996 Lança o livro infantojuvenil *O dia da árvore*, na 42ª Feira do Livro de Porto Alegre. Junto ao livro autografado, o leitor levava para casa uma muda de árvore.

1997 Falece Roberto H. Bins, esposo de Patricia, no dia 28 de janeiro, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Patricia participa da Bienal do Livro do Rio de Janeiro, em setembro, com seu segundo livro infantojuvenil *Pedro e Pietrina*. Lança *Pedro e Pietrina*, pela Editora Bertrand Brasil, em outubro, na 43ª Feira do Livro de Porto Alegre.

1998 Lança a antologia *Brasil: receitas de criar e cozinhar*, pela Editora Bertrand Brasil juntamente com Dileta Silveira Martins. Patricia é patrona da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre.

1999 Lança *Instantes do mundo*, pela Editora Bertrand Brasil e *Jogo de fiar*, 2ª Ed., pela Editora Age.

2001 Lança o segundo volume da antologia *Brasil: receitas de criar e cozinhar*, pela Editora Age.

2008 Falece por problemas cardíacos em 4 de janeiro, em Porto Alegre.

ANEXO – Comprovantes jornalísticos

Jornal Zero Hora, 3 abr. 1984.

CÉLIA RIBEIRO 010 1391-84

3 de Abril / 84

"É superimportante que a mulher possa se realizar através de todas as maneiras e linguagem que sua criatividade ofereça", diz a escritora Patrícia Bins, que ao transferir o escritório de antiguidades para junto de sua casa volta ao maior convívio do lar. É um novo estilo de viver que ela assumiu, "mais tempo para estar junto da natureza também".

"Trabalho deve ser alegria e não uma maratona diária"

Com a repercussão de seus dois livros — *Assassinato dos Pombos* e *Jogos de Fiar* — fala-se hoje muito mais em Patrícia Bins como escritora do que como cronista e decoradora. Nesta área, unindo o trabalho de uma loja de antiguidades que ela e o marido, arquiteto Roberto Bins, abriram há onze anos na Rua Dr. Timóteo, Patsy tem tido muitas realizações. Agora mesmo ela muda seu estilo de viver transferindo a Ilha Antiga (é o nome da loja) para um pavilhão que Roberto construiu no grande parque onde está a morada deles, na Tristeza. Ela caminha cem metros e está na loja (se é que ambiente tão aconchegado mais parecendo um estúdio com peças raras possa ser chamado assim). Formada em Artes Plásticas, o sangue europeu de sua mãe inglesa falando alto em suas preferências estéticas, Patsy sempre se sensibilizou por peças antigas mas ela e Robbie nunca foram colecionadores em função do valor histórico de uma peça, mas sim estético. Ela pinta também e há um auto-retrato seu que o marido encontrou esquecido num canto da casa e mandou emoldurar; hoje está na sala, em frente à lareira da casa deles.

Um refúgio para quem visita

Quem chega ao pavilhão onde Patsy instala com Roberto Bins seu antiquário e escritório de projetos de decoração, em meio a tapetes persas, porcelanas inglesas e faianças holandesas, mais uma série de móveis raros, sente-se logo à vontade. Há sempre o que ouvir de Patsy a respeito das peças. Na cômoda do colonial rio-grandense nota-se a influência do gosto dos imigrantes alemães, enquanto o banco-arca é denominado com bom humor de estilo Dona Mariazinha, pelo parentesco do móvel com a pureza de linhas do estilo D. Maria I. Uma das peças mais importantes do acervo dos Bins, que está no antiquário à venda, é um armário mouro, no qual foram unidos mais de 10 mil pedacinhos de madeira em trabalhos de marchetaria. Veio de Pelotas e o engraçado é que, ao restaurá-lo, Roberto retirou uma cruz que haviam colocado em cima transformando em capelinha o pequeno móvel mouro; hoje, está sendo adaptado para um luxo de bar. Sobre uma das arcas há uma original pasta de viagem que dizem ter pertencido à Marquesa de Santos, em Jacarandá com entrada de chave de madrepérola. Ao abrir a pasta de madeira surgem duas superfícies forradas de feltro verde formando uma mesinha que, colocada sobre os joelhos, era perfeita para pôr em dia uma correspondência no tempo das carruagens.



Com um exemplar da antologia "New Directions" editada na Inglaterra, onde está traduzido um conto seu, Patrícia Bins mostra seu ambiente de trabalho. O antiquário fica à Rua Otto Niemeyer, 77, na Tristeza, em meio a um parque onde está a casa de Patsy e Roberto Bins



Nas horas mortas do antiquário, Patrícia tem ocasião para escrever. Ela mantém correspondência com escritores de vários países, e convidada a participar de um congresso de mulheres escritoras que será realizado na próxima semana em Nova Orleans, sente que seus compromissos a impeçam de comparecer

Horas bem aproveitadas

O contato direto com a natureza, desde a hora que acordava abrangendo o horário de trabalho na loja ou escrevendo, tem grande importância para Patrícia Bins. Ela acha que sua volta à casa (antes saía de manhã e só voltava à noite) propicia uma conscientização dos verdadeiros valores: "O trabalho não deve ser levado demasiado a sério, deve ser alegria e não uma maratona diária". Foi através das horas ociosas que passava no antiquário que tinha na Dr. Timóteo que surgiu a escritora.

— O ambiente propiciava horas mortas, já que eu fechava a loja na hora de almoço e lá ficava. Ainda que trabalhasse em jornal, escrevesse crônicas e reportagens, o tempo sobrava. Foi quando surgiu a idéia de escrever algo mais longo que uma crônica: *Assassinato dos Pombos*. Pintar ou trabalhar em decoração para mim é uma atividade lúdica, quase volto à infância com estas coisas, criando ambientes de descontração e conforto. Já a literatura é uma necessidade de chegar à essência, de saber quem eu sou e quem são os outros.

Ao estabelecer este paralelo entre o trabalho diversificado que realiza — ainda que a estética seja o elemento em comum sempre — Patsy mostra com justo orgulho uma antologia de contos, "New Directions 47", editada na Inglaterra em que, ao lado dos nomes de Henri Miller, Pablo Neruda e outros escritores e poetas famosos aparece o seu. Ela comparece neste livro com o conto "Can Freud explain?", traduzido por Giovanni Pontiero que é catadrático de literatura Latino-Americana na Universidade de Manchester. Quem apresenta Patrícia na obra é Lygia Fagundes Telles.

Se em seus livros Patsy comunica suas emoções numa dimensão literária, ao vender antiguidades segue coerente em seu gosto pelo Belo, achando importante que as peças que ela e Robbie reúnem sejam apreciadas por pessoas que absorvem este mesmo valor estético. "Gosto de colecionar antiguidades, de fazer decorações: um modo bonito de sobreviver porque o livro, por mais que se batai, sob ponto de vista financeiro, não é lucrativo", diz Patsy.

ANTES QUE O AMOR ACABE

Entrevista com Patricia Bins



mistio de realidade e fantasia. No final é identificado.

Há, no seu livro, mais personagens femininos que masculinos. Por quê?

Não percebeu esse fato conscientemente. Mas, sim. Verônica, Nena, Esther, Ruth, Mariana, a mãe são desdobramentos ou projeções da personagem narradora e talvez esta seja uma projeção de mim mesma.

Exatidão autobiográfica?

Isto já respondi quando lancei o "Jogo de Fiar". Ficção é transfiguração, uma realidade imaginária. O romancista pode mentir quando quiser ao passo que o biógrafo ou o autobiógrafo precisa relatar os fatos tais como se passaram.

Por que os nomes próprios bíblicos em sua obra?

Porque sempre me fascinaram pela conotação mitológica, mítica, universal. Misturo nomes do Velho e do Novo Testamento sem nenhuma discriminação.

Seu próximo livro já foi passado?

O primeiro romance fecha a "Trilogia da Solidão" saga a que me propus desde o início. Já escrevi três capítulos ou quatro, não me lembro bem, e no momento aguardo aquele estado de graça que me fará balizar a cabeça em humildade para, entre as tentações de dor e alegria, levá-lo adiante até quando Deus quiser.

preocupação social, mas não são oferecidas soluções concretas. Como explicar?

A constatação da miséria social por parte de Anna, a personagem narradora de "Antes que o Amor Acabe", o seu conflito ao ver-se dividida entre dois pais — o egoísmo e o humanitarismo — e o que experimenta a maioria das pessoas em grande ou pequena escala, de acordo com sua sensibilidade. Como fazer para desvelar as dores do mundo? Perceber o caminho do auto-reconhecimento, o primeiro passo, proposta implícita em minha obra. Se eu me reconheço posso descobrir o outro, os outros e acabarei por participar do mundo com meu grau de solidariedade.

Você mescla, neste romance, a realidade, o sonho e a fantasia. Que pistas daria para que se distinga entre esses três elementos tão intricadamente ligados entre si?

A narrativa, feita na primeira pessoa, seria uma espécie de realidade, a fantasia de Anna, porém, cria esboços dentro da história, que passa a ser contada na terceira pessoa. Quanto aos sonhos, metáforas, símbolos, cabe ao próprio leitor decifrar seus momentos, seus movimentos.

E Esquelei, quem é?

Esquelei, embora sendo o personagem masculino que atravessa o livro de ponta a ponta,

cronológico em si mesmo. O texto, entregue aos subterfúgios da crítica, constitui um processo mágico que vai surgindo sobre o papel na medida em que se desenvolvem a trama e os personagens. Cada livro exige o seu próprio texto, a sua própria linguagem. Pode haver, isto sim, em um e outro, expressões e temas recorrentes que caracterizam o estilo do escritor e fazem parte do seu universo literário.

E quais os temas e expressões recorrentes?

A solidão, o medo, o amor em todas as suas facetas, a ambiguidade, sombra e luz, os mistérios da carne e do espírito, da vida e da morte, a busca da identidade e da totalidade. Quanto aos coquetos estilísticos, são muitos e eu me peço repetindo palavras que começam por re, ré, re... pergunta: por quê? Talvez porque a vida é uma eterna reinvencção.

E a morte?

A morte, reverso da vida, é sempre dividida a mais propulsora da existência. Porém, poucos se dão conta disso e vivem tentando a imitação dessa imensa solidão que sua certeza nos traz. Penso que se pudermos assumir a morte como parte do próprio processo biológico, haveria a possibilidade de amar e ser amado inteiramente.

Ao longo do romance, nota-se a

se, beivex a cabeça e espantosamente as palavras me conduziram à estrutura do romance. Daí para a elaboração da obra foi sangue, suor e lágrimas: um ano de árduo trabalho, de silenciosas leituras, de visões e revisões, de satisfações e insatisfações, até dar o livro por terminado. Mas a gente quer que ele continue na enxada de cada leitor, que o protótipo, o seu suor, as suas lágrimas e, quem sabe, com sua alegria.

Em que difere o romance atual da obra anterior?

Em "Antes que o Amor Acabe" creio ter conseguido, por um lado, uma linguagem mais despojada e, por outro, uma estrutura mais elaborada. O livro se divide em quatro estações na vida de um casal: Páaxao, Passos, Umbral e Travessia. Cada estação começa e termina num mesmo ponto, criando um círculo fechado que se abre no círculo seguinte. Linhas horizontais e verticais se encontram em forma de cruz, representativas do fiberrário da paixão ou condição humana. Aos quatro círculos se circunscreve um outro, simbolizando a quinta estação. No que se refere à técnica, há uma semelhança com a obra anterior, porquanto ela é construída de monólogos interiores com flash-backs e flash-forwards onde busquei criar, através do fluxo da consciência, um tempo psicológico, mais importante que o tempo

ANTES QUE O AMOR ACABE, o novo romance de Patricia Bins editado pela Nova Fronteira masom, como o anterior, "Jogo de Fiar", a linha temática, mesclando fundo na problemática do relacionamento amoroso. Busca, acima de tudo, desvelar as raízes da incompatibilidade. Segundo a autora, o ponto de partida para a libertação do medo é o entendimento da solidão, do medo ancestral que impossibilita a entrega e o verdadeiro encontro. A trajetória de Anna, a personagem narradora, concentra-se na tentativa de registrar, através da palavra — realidade, sonho, fantasia — os conflitos da carne e do espírito de cada ser na busca da identidade e da totalidade.

Como nasceu este novo romance?

Foi a partir de uma imagem que veio num flash enquanto aludia escrevia o "Jogo de Fiar" e, naquele instante, confesso que interferiu no livro, desajando introduzir-se à história. Esqueci-me de alguma coisa, de alguma coisa, de alguma coisa. Mas o esquecimento foi apenas superficial, pois, de algum modo misterioso, o inconsciente trabalhava. Tão logo acabou "Jogo", houve a necessidade de voltar à máquina, a imagem do edifício em construção, que agora surgia quase pronto em frente à minha casa de praia. Numa espécie de tran-

1984

Jornal Zero Hora, Segundo Caderno, 8 nov. 1984.

Grandes nomes das letras gaúchas reunidos na praça

04a 0470-83



ZH

SEGUNDO CADERNO

PORTO ALEGRE, 5ª FEIRA, 08.11.84.



Sérgio da Costa Franco, Olga Reverbel, Carlos Reverbel, Mário Quintana, Lya Luft e Patrícia Bins

Por SIBILA ROCHA
Edição 2º Caderno/ZH

A maior concentração de intelectuais e escritores na 30ª Feira do Livro aconteceu ontem, na tarde de autógrafos de Nélida Piñón, Tânia Carvalhal, José Antônio Pinheiro Machado, Wilson Tubino e Affonso Romano Sant'Anna. Um verdadeiro happening se instalou na Praça da Alfândega, quando longas filas formadas por Patrícia Bins, Carlos Reverbel, Lya Luft, Mário Quintana, Sérgio da Costa Franco, Maurício Rosenblatt, Laury Mactel, Olga Reverbel, o humorista Ziraldo e um grande número de jovens prestigiando o lançamento dos *Novos Gaúchos (Série Geração 80)* esperavam sua vez de chegar aos autores. Debaixo dos jacarandás, eles comentavam sobre novos lançamentos literários, autores gaúchos e, evidentemente, sobre a Feira, o maior acontecimento cultural da cidade.

Segundo Maurício Rosenblatt, "hoje a nossa Feira do Livro é uma bela balzaqueana, com todas as vir-

tudes de caráter e densidade existencial que Balzac immortalizou na sua *Mulher de Trinta Anos*, rodeada de filhos, já que em todas as cidades do Interior existem suas próprias feiras inspiradas na nossa. E hoje, passados 30 anos, desde novembro de 1955, quando num gesto inconseqüente e pretensioso lançamos a primeira semente, esta festa tornou-se o maior orgulho da cidade".

Lya Luft ressaltava o aspecto democrático da Feira, "um supermercado de livros para todos os gostos e todo o tipo de poder aquisitivo. Aqui, ninguém pode dizer que não encontrou determinada leitura ou então que não tem dinheiro para comprar um livro — há variadas opções". Também Carlos Alberto Silveira, da comissão organizadora há muitos anos, destaca que "este evento foi a oportunidade que os escritores gaúchos esperavam, já que a Feira proporcionou encontro de editores e autores". Muitos originais foram desengavetados na Praça da Alfândega. Além disso, a Feira do Livro proporcionou a abertura de várias editoras: L&PM, Tchê, Movimento e Rigel foram algumas das que surgiram com a abertura do

mercado editorial em consequência do interesse da população pelo livro, pela leitura e por assuntos daqui do Rio Grande".

Já Ivan Pinheiro Machado, da L&PM, traduz o que a Feira representa para a cidade com lirismo: "A Feira do Livro é quase tudo. Ela ajudou a colocar no mapa do Brasil a cultura do Rio Grande. Pessoas examinam silenciosamente milhares de livros, num ritual que se repete há 30 anos, e a cada ano que passa se torna mais precioso, numa espécie de trégua de 15 dias de sibilta humanização. Tudo o que faz bem para o espírito rola na Feira. Conversas, namoros, amigos que se reencontram depois de anos num astral propiciado por esta estranha 'galáxia de Gutenberg', que teima em não morrer quando os meios de comunicação se tornam tão vertiginosos e tão complexos. A Feira do Livro é única, insubstituível e fundamental. Tem sotaque gaúcho e dimensão universal. Gracias, Maurício Rosenblatt".

Mais Feira do Livro na página 5

Jornal Zero Hora, 8 nov. 1986.



RG Cultural, 5 jun. 1990.

**DRAMATIZAÇÃO E PAINEL
SOBRE "PELE NUA NO ESPELHO"
NO ICBNA**

O Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano estará promovendo em seu Auditório, no dia 21 de junho, às 20 horas, um painel sobre a obra e a vida de Patrícia Bins e a dramatização de "Pele Nua do Espelho", o último romance da escritora, numa livre adaptação para o teatro de José Baldissera.

Estarão participando do painel, o jornalista Juremir Machado da Silva, o escritor Dionísio da Silva, a Diretora Cultural do ICBNA, Sra. Carla Obino, a Profª Dileta Silveira Martins, do Curso de Pós-Graduação da PUC.

"Pele Nua do Espelho" será interpretado pelos atores Dinorah Araújo, José Baldissera, Cláudio Vizzotto, a menina Helena Bins, e contará com a participação especial de Vilson Ayala, ao piano. O espetáculo tem figurino e ambientação realizados por Malu Rocha e a direção geral de José Baldissera, tendo sido apresentado no ano passado no Teatro Renascença, e na "2ª Feira do Livro Josué Guimarães", em Canela.

0420025-1sd

Jornal Conquista junho, 93

ENTREVISTA COM PATRICIA BINS

— Quando e como começou a escrever?

— Sendo filha de pais europeus, amantes da literatura, cedo, muito cedo fui iniciada ao reino mágico dos livros, os quais, a princípio, vinham ao longínquo Velho Continente enviados pelos meus avós. Antes de saber ler, contavam-me as histórias que me pareciam extraídas de caixas fantásticas onde os signos desconhecidos se transformavam em palavras que eu ia guardando dentro de mim como tesouros. Os enigmas de existir em perplexidade e assombro: à medida em que me dava conta da impossibilidade de respostas ia colocando sobre o papel o registro destas indagações, através de desenhos e depois, decifrados os signos, através de pequenas frases que, ao longo do tempo, acabaram por tomar o feito de poesia. Algo precoce, com dez ou onze anos escrevi, pasme, "O Beijo", um soneto vindo não sei de onde que fez rir pai...

— O que a motiva a continuar na carreira literária?

A necessidade de pesquisar fundo na alma humana é a razão básica que me faz, cada vez mais (buscando a raiz de nossas perplexidades, de nossas angústias, de nossos sofrimentos) transformar em literatura esse mistério milenar. Escrevo pelos que não podem escrever, falo pelos que não conseguem falar, grito pelos que se mantêm em silêncio. Espero que minha pequena contribuição possa unir-se a outras num grande e fraterno encontro.

— Que tipo de impedimentos experimenta, em sua condição de mulher, para expressar suas idéias, sua personalidade e seus direitos humanos?

— Sempre fui uma rebelde por natureza e apesar dos percalços relacionados à condição feminina, busquei superá-los sem jamais deseperar. Reconheço entretanto que esta circunstância existe ainda para uma minoria de mulheres que teve a oportunidade de viver em ambientes sócio-culturais e econômicos privilegiados.

— Por que seus romances enfocam (e especialmente o mais

recente "Sarah e os Anjos") as neuroses, o medo, a angústia, a loucura, e outras manifestações delirantes do indivíduo?

— Todas as manifestações de anomalias psíquicas me interessam colocar, em função de existirem como condição humana, de nosso desequilíbrio, do nosso medo; causa da repressão, da alienação, das guerras coletivas e particulares, da violência e dos crimes praticados em nome do poder. Acredito que somente através do desmascaramento da mentira existencial e de um reencontro com o âmago de nós próprios e que chegaremos ao equilíbrio cósmico.

— Parece que o problema mais forte em sua mensagem literária é o da incomunicabilidade que se sofre hoje em dia, o silenciamento que a tecnologia e a esquizofrênia universal impõem ao ser humano isolando-o de todos e afundando-o em sua própria solidão vazia e imensa. É isto mesmo?

— A verdade é que o ser humano, na sua luta pela conquista do poder econômico distanciou-se dos objetivos essenciais da existência. O amor, uma palavra apenas, desgastada de seu significado fundamental. O dinheiro, uma substituição pobre de toda a riqueza espiritual, isola as pessoas, desequilibra-as, afundando-as no marasmo da incompreensão, do vazio e da doença mental. Enquanto não nos conscientizamos da necessidade de mudanças interiores, em nós próprios e no seio de nossas famílias, nada será conquistado na esfera social e política. Enquanto não despertamos para o nosso eu soterrado por milênios de tirania, escravidão e medo, não poderemos viver uma vida plena e total, homens e mulheres livres, sadios, solidários, não solitários.

— Que mais pode acrescentar sobre sua filosofia pessoal.

— Trabalho, com os instrumentos que me foram concedidos, a favor do ser humano, contra qualquer forma de opressão ou discriminação, contra o preconceito, a injustiça social, a insensibilidade e a alienação.



— Com "Sarah e os Anjos" você completa a Trilogia da Paixão. Poderia nos falar sobre a nova obra?

— Não é fácil explicar a própria obra. O livro já é o resultado de enorme esforço para tecer os fios de uma narrativa, que consiste em criar a temática, a estrutura, os personagens, a linguagem e procurar coerência mesmo dentro da incoerência do tema escolhido.

— E por que trilogias e não romances individuais?

— Escrevi seis romances, duas trilogias, com o intuito de explorar temas básicos da natureza humana, a solidão e a paixão. Cada qual possui história, elenco de personagens e técnicas diferenciadas, embora com as características do estilo: fragmentação (segundo alguns, pós-moderno), o fluxo da consciência, atemporalidade e ailinearidade.

— Quantas obras você escreveu ao todo?

— Sete. Dizem ser número de sorte. O primeiro "O Assassinato dos Pombos", foi coletânea dos contos e crônicas publicadas nos jornais da Empresa Jornalística Caldas Júnior, na qual trabalhei por mais de vinte anos.

— Seus livros são autobiográficos?

— Entre a realidade, o sonho, a ficção (ou fantasia), existe um ténue fio, quase imperceptível. Pessoalmente, nunca soube distinguir entre esses três estados de alma. Eis porque estou em eterna busca, em constante questionamento. Aliás, cada livro é um passo na direção de outras perguntas propostas ao leitor.

— Você fala em vida tantas vezes como em morte nos seus escritos.

— É claro. Vida e morte fazem parte do processo biológico universal. Até as estrelas morrem e por estarem a uma grande distância do nosso mundo, ainda recebemos sua luz. Mas o homem teme a morte e cria subterfúgios para se iludir. Quer a eternidade para si — egoisticamente — deseja derrotar Thanatos através de conquistas materiais. Eros, ao contrário do que imaginamos, é o amor (sacro e profano), amplitude, compreensão do outro, dos outros, de si. Doação.

Lançado dia 26 de maio, em Porto Alegre, na Livraria Palmirina, o romance "Sarah e os Anjos", de Patricia Bins, terceiro volume de sua nova trilogia, a da Paixão pela Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. O livro já está nas livrarias do Brasil e de Portugal. A capa é de Carlos H. Bins, filho de Patricia, artista plástico que recém fez exposição de sucesso.

Talentos do Bairro 01-1494-95

Escritora é reconhecida internacionalmente

Patricia Bins mora no bairro Tristeza há 38 anos e é escritora, tradutora, professora de inglês, escreve para jornais e revistas, e é formada em Artes Plásticas. Dotada de um talento e sensibilidade inquestionáveis, conquistou seu espaço no rol das melhores escritoras do país, com obras que já começam a ser traduzidas em vários países como Argentina e EUA. A trajetória da escritora teve início em 1968, quando começou a escrever como colunista para jornais e colaborar com contos, poemas, crônicas, artigos e pesquisas. "Essa primeira fase serviu de adestramento para o primeiro livro que foi uma coletânea de crônicas e contos", explica. Nascida no Rio de Janeiro mas gaúcha por convicção, Patricia Bins aprendeu a falar primeiro o inglês - é filha de mãe inglesa e pai húngaro - mas na hora de escrever, optou pelo português. "Me apaixonei pela riqueza do idioma", justifica.

Após o período de colaboração em jornais com seus trabalhos, Patricia Bins percebeu que era preciso se aprofundar. Foi quando surgiu o cronicontos *O Assassinato dos Pombos*, uma transposição de crônicas, contos e poemas já publicados na imprensa. Depois, investiu seu talento na primeira trilogia editada pela Nova Fronteira do Rio de Janeiro: *Jogo de Fiar*, *Antes que o Amor Acabe* e *Janela do Sonho*. Já em nova editora, a Bertrand/Brasil, sediada em Portugal, uma outra trilogia salientou



Foto: Luciane Garbin

Patricia Bins

ainda mais o talento de Patricia Bins: *Pele Nua do Espelho*, *Theodora*, e *Sarah e os Anjos*. Agora, numa nova fase, a escritora escreveu *O Caçador de Memórias*, que será lançado ainda neste ano e deve fazer parte de um novo conjunto de livros dentro de uma mesma temática, característica marcante de Patricia Bins.

O trabalho da escritora também está sendo reconhecido internacionalmente. Em abril deste ano o livro *Pele Nua do Espelho* foi lançado na feira de Buenos Aires (Plus Ultra com co-edição da embaixada do Brasil) e já foi traduzido para o inglês. Também participou de duas antologias norte-americanas: *Prose and Verse* e *Land Scapes of new land Internacional*, ambas publicadas em New York, além de participações em antologias no Brasil. "É uma grande vitória para um escritor brasileiro ser reconhecido internacionalmente", considerou. A vitória de Patricia Bins é sem dúvida motivo de orgulho para toda a comunidade.

Jornal Conquista, 1995.

ANO "PATRÍCIA BINS"



Começou dia 8 de março o "Ano Patrícia Bins"

A Associação de jornalistas e Escritores do Brasil, abriu, dia oito de março, com cerimônia especial, em homenagem à jornalista e escritora gaúcha Patrícia Bins, as comemorações do "Ano Patrícia Bins".

Realizou-se painel comemorativo ao Dia internacional da mulher, em que as panelistas, além da homenagem, foram a Presidente da associação de jornalistas e escritoras do Brasil, Dra. Gisele Bueno Pinto, a atriz e diretora

Estadual de artes Cênicas Izabel Ibias, a emérita Professora Lucinda Lorenzoni e a historiadora Dra. Hilda Agnes Húber Flores.

A homenagem ocorreu no auditório do GBOEX, gentilmente cedido para o evento, na presença de grande público representativo de vinte e uma entidades culturais Riograndenses.

A entidade que escolheu Patrícia Bins como Escritora do Ano, comemora vinte e cinco anos de atividade ininterrupta em todo o Brasil, tendo quatorze Coordenadorias no país.

A AJEB teve duas presidentes gaúchas: a primeira foi a historiadora e poetisa Maria Eunice Müller Kautzmann, e a atual é a Dra. Gisele Bueno Pinto, advogada e pós-graduada em Direito Civil, também poetisa. A Dra. Gisele Bueno Pinto inicia agora sua gestão quatrienal.

O Jornal conquista almeja a ela e às suas sócias, uma feliz caminhada ao longo dos próximos quatro anos.

A nossa colaboradora Patrícia Bins, nossos parabéns por tão significativa homenagem.

Jornal Conquista

01-1453-95

Jornal Correio do Povo, 8 mar. 1995.

Começa hoje 'Ano Patrícia Bins'

A Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil abre hoje, com cerimônia especial, o "Ano Patrícia Bins", em homenagem à jornalista e escritora gaúcha Patrícia Bins. Abrindo as comemorações do "Ano Patrícia Bins", a associação realiza hoje um painel comemorativo também ao Dia Internacional da Mulher. A homenageada Patrícia Bins vai atuar como uma das principais panelistas, ao lado da historiadora Hilda A. H. Flores, da atriz e professora Izabel Ibias, da professora Lucinda Lorenzoni e ainda do professor Laury Maciel.

O painel acontece hoje, a partir das 16h, no auditório do Grêmio Beneficente dos Oficiais do Exército (rua 7 de Setembro, 604, 2º andar)



Escritora gaúcha ganha homenagem e contará com um recital especial da soprano Carla Maffioletti.

CP - 31março1995 01-1493-95 pg 28

Pele gaúcha em espelho argentino

Feira do Livro de Buenos Aires vai ter o Dia do Brasil, segunda-feira, com convidados especiais

A escritora gaúcha Patricia Bins segue neste final de semana para Buenos Aires onde participa da 21ª edição da Feira do Livro da capital argentina, que a cada ano é dividida, dentro de sua programação paralela especial, em "dias". Cada dia acontece a homenagem a um país específico. O Brasil vai ser a grande atração na próxima segunda-feira, dia 17, e a escritora gaúcha é uma das muitas convidadas brasileiras. Além de

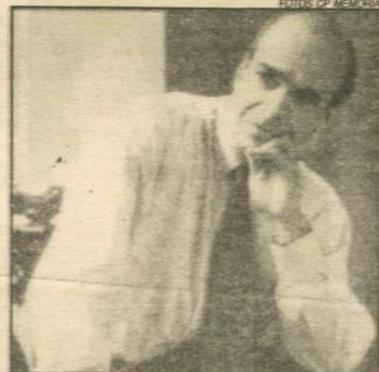
falar sobre a importância da literatura gaúcha no atual estágio do Mercosul, Patricia aproveita para estar presente no lançamento de "Piel desnuda del Espejo", a versão "mercosul" de um dos maiores sucessos da autora, "Pele Nua do Espelho" a primeira obra de Patricia, escrita totalmente à mão, depois dos três livros da famosa "Trilogia da Solidão": "Jogo de Fiar", "Antes que o Amor Acabe" e "Janela do Sonho".

O convite à Patricia Bins foi feito através da Embaixada do Brasil em Buenos Aires. A autora define o livro, que agora será lido pelos argentinos, como uma carta romance realmente interminável. Segundo Patricia Bins, nenhum livro termina de verdade, pois sempre continua na imaginação de quem o lê.

Afonso Romano de Sant'Anna é um dos vários escritores brasileiros também convidados para o evento. A Feira do Livro de Buenos Aires que termina na segunda-feira, dia 24 de abril, tem por tema este ano "O Livro e o Diálogo de Culturas" e espera a par-



Patricia Bins, destaque gaúcho em Buenos Aires



Afonso Romano de Sant'Anna, convidado brasileiro participação de 510 expositores de um total de 37 países. Mais de 473 eventos culturais paralelos foram organizados pelos promotores, que contam com a presença de Ernesto Sabato e Ricardo Piglia, entre os expoentes da prata da casa.

ADIADA VENDA DE
INGRESSOS DO FREE JAZZ

Página 3

SEGUNDO CADERNO

ZERO HORA - QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1998

ENCARTADOS
NESTE CADERNO
GUIA DA TV
Informática
Vestibular

Patrícia Bins conquista a praça

A escritora é a patronesse da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, que começa dia 30 de outubro

Correu tudo como o planejado. Ao meio-dia de ontem, quando o presidente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Paulo Flávio Ledur, anunciou o nome do patrono da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, a surpresa foi quase completa para jornalistas, editores e livreiros presentes ao restaurante Il Gattopardo. Dois anos depois de Lya Luft ter recebido a maior homenagem da grande festa cultural da Capital (Maria Dinorah havia sido patronesse em 1990), a escritora Patrícia Bins foi distinguida com a honraria.

Em cerimônia informal e antecipando a solenidade que vai abrir a Feira no dia 30 de outubro, o patrono do ano passado, Luiz Antonio de Assis Brasil, entregou a Patrícia o troféu alusivo à homenagem. O autor da trilogia *Um Castelo no Pampa* referiu-se à generosidade de Patrícia com os autores novos. Recordou que, quando lançou seu segundo livro, *A Prole do Corvo*, Patrícia entrevistou-o, insuflando-lhe confiança para continuar na carreira de escritor.

A surpresa com o anúncio do nome de Patrícia Bins deveu-se ao escudo de silêncio levantado pela Câmara ao redor da escolha do patrono deste ano. A reunião da diretoria da entidade na qual o homenageado seria escolhido por voto foi realizada em segredo. Ledur deu uma explicação abstrata para justificar o sigilo.

— O suspense é necessário para garantir a sobrevivência da obra literária.

Os cuidados em manter o nome escolhido em segredo foram tantos que o presidente da Câmara pediu à produção a aquisição de um ramalhete de flores e teve de dizer que o presente seria entregue à "esposa do patrono". Patrícia Bins também comentou o mistério construído em torno de sua escolha, dizendo que a escondeu da família e só veio a se sentir no papel ontem, no Il Gattopardo.

Nascida em 24 de julho de 1930, no Rio, Patrícia Doreen Bins é filha de Iris Holliday, inglesa, e de Andrew Stroh, húngaro. A família morou em Belo Horizonte e depois transferiu-se para Porto Alegre, onde, aos 14 anos, Patrícia recebeu seu primeiro prêmio, conferido a um conto escrito no Colégio Americano. Deu aulas de inglês ("Sonho e penso neste idioma", declarou ontem) desde os 14 anos, primeiro no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano e depois no Yagizi. Estudou no Instituto de Belas Artes e tornou-se pintora profícua.

Entre os autores que a impressionaram na juventude e tiveram influência em sua trajetória, ela cita James Joyce, Sigmund Freud, Franz Kafka, Clarice Lispector e Erico Veríssimo. Embora afirme que considera a poesia a maior manifestação literária, Patrícia produziu romances e livros de "eroticontos" com razoável profusão. Além de publicações individuais, participou também de inúmeras antologias, incluindo algumas no Exterior. Seu trabalho mais recente é *Instantes do Mundo*, ainda fora de edição, gerado de forma curiosa.

— Era um livro de poemas. Meu editor, entretanto, disse que não o publicaria, porque poesia não vende. Então, transformei-o num romance que será o segundo volume da *Trilogia de Eros*.



Patrícia Bins recebe o troféu de patronesse da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre do antecessor, Luiz Antonio de Assis Brasil

A OBRA

❑ *O Assassinato dos Pombos*, Metrópole, 1982

TRILOGIA DA SOLIDÃO:

- ❑ *Jogo de Fiar*, Nova Fronteira, 1983
- ❑ *Antes de que o Amor Acabe*, Nova Fronteira, 1984
- ❑ *Janela do Sonho*, Nova Fronteira, 1987

TRILOGIA DA PAIXÃO:

- ❑ *Pele Nua no Espelho*, Bertrand Brasil, 1989
- ❑ *Theodora*, Bertrand Brasil, 1991
- ❑ *Sara e os Anjos*, Bertrand Brasil, 1993

TRILOGIA DE EROS:

- ❑ *Caçador de Memórias*, Bertrand Brasil, 1995
- ❑ ~~...~~

LIVROS INFANTIS:

- ❑ *O Dia da Árvore*, Bertrand Brasil, 1995
- ❑ *Pedro e Pietrina*, Bertrand Brasil, 1995

Patrícia Bins publicou contos nas antologias *Rodízio de Contos* (Mercado Aberto, 1983), *International Anthology of Poetry and Prose* (New York, 1983), e *Landscapes of a New Land* (New York, 1989), entre outras.

Jornal Zero Hora, 19 set. 1998.

11B-063-0339
5351-52098

04a0297-97

L I T E R A T U R A

SEGUNDO CADERNO SÁBADO, 19 DE SETEMBRO DE 1998

Uma dama inglesa na literatura gaúcha

Patrícia Bins, patronesse da Feira do Livro deste ano, escreveu seu primeiro poema aos 10 anos, incentivada pelos pais

PATRÍCIA ROCHA
Especial/ZH

Patrícia Bins poderia ter sido uma personagem de romance. Antes de nascer, a patronesse da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre já tinha histórias para contar. Filha de pai húngaro e mãe inglesa, foi concebida em Paris, quando o casal fugia da proibição paterna, que não aceitava um casamento entre pessoas de diferentes nacionalidades. Na rota dos apaixonados, o Rio de Janeiro, cenário da infância da escritora e de sua iniciação na literatura.

Criança levada, moleca que subia em árvores e fugia de casa para encontrar amigos, aos quatro anos Patrícia foi matriculada em uma escola inglesa para que sossegasse um pouco. Aprendendo piano, dança clássica e literatura inglesa, ela descobriu que não poderia fugir da arte. Com o incentivo dos pais, que contavam histórias e reuniam a família para ouvir ópera toda noite, Patrícia escreveu seu primeiro poema aos 10 anos. *O Beijo* contava a emoção antecipada do ato. Como a autora dos versos nunca havia beijado, o que se antecipava era o talento para criar e imaginar.

Na adolescência, chegou com os pais e a irmã mais nova ao Rio Grande do Sul, Estado que adotou. Aqui, convenceu os pais que a deixassem-na frequentar uma escola convencional, já que, mesmo sendo carioca, só tinha estudado a cultura inglesa e, do português, conhecia apenas o que aprendera com os companheiros de infância.

Com a escrita já como hábito e escolha, Patrícia alternava o costume, mantido até hoje, de trocar correspondências com as poesias e os textos que escrevia, batizados por ela de cronicontos. Formada em Belas Artes, a pintura, a escultura e o desenho viraram hobby para dar lugar à arte escrita. A convite de Breno Caldas, ingressou no jornalismo como cronista, chegando a editora de um suplemento cultural feminino. Daí à literatura, era apenas questão de tempo.

Mas, como em toda história que se preze, não faltou romance. E o amor chegou de bonde, quando ela tinha 15 anos. Depois de flertar com um rapaz que viajava no estribo do veículo, a escritora o reencontrou "por acaso" no Country Club da cidade. E ficaram juntos por 45 anos até que o companheiro, Roberto Bins, morreu depois de um longo período de doença. Neste fato, o toque de coragem e heroísmo típicos dos grandes protagonistas. Mas os amores literários nunca terminam, e até hoje Patrícia se emociona ao falar do marido. O primeiro livro foi presente dele que, em segredo, reuniu os contos de Patrícia, fez as ilustrações e ofereceu à mulher a edição de *O Assassinato dos Pombos*, como presente de Natal, em 1982.

Do casamento, três filhos e três netos. O caçula, Carlos Henrique, 42, mora com a mãe na chácara da família, no bairro Ipanema, em Porto Alegre. A casa traz um pouco da dona, com árvores, animais, flores e espaço. Na sala, de onde se avista o rio Guaíba, a memória reina. De moderno, apenas os aparelhos de som e televisão. Antiguidades, velhas fotografias, pinturas e desenhos fazem companhia à escritora que, sempre em sua poltrona preferida, redige seus poemas e histórias de próprio punho.

— Escrevendo à mão, as palavras têm mais vida — justifica Patrícia.

Caseira, tem a natureza que circunda a casa como amiga e afirma não ser capaz de matar nem uma formiga. Na época em que o marido lutava contra a doença, habituou-se a sair pouco e, apesar de ter bons amigos, acredita que seus companheiros são os personagens que cria e as cartas que recebe.

Mas Patrícia não tem amargura, exala bom-humor. Como uma legítima dama inglesa, a escritora não abre mão de chapéu, luvas e lenços para dar um toque especial ao visual. Vaidosa, não revela a idade e, mesmo em casa, está sempre arrumada.

— A alma tem que se sentir bem-vestida — ensina.



O mundo ao seu redor: filha de pai húngaro e de mãe inglesa, Patrícia Bins foi concebida em Paris e nasceu no Rio de Janeiro



“Importante é dialogar com o leitor”

A escritora Patrícia Bins é a Patronessa da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre. Carioca de nascimento, a escritora adotou o Rio Grande do Sul e aqui criou toda a sua obra. Diz que tudo que escreveu até hoje foi com o intuito de dialogar com o leitor, de buscar respostas para perguntas simples, do tipo “o que é a vida”? Afirmo que, para ela, o livro é tão importante quanto o ato de respirar



Pela primeira vez, a escolha do escritor homenageado pela Feira do Livro ficou em segredo absoluto até o dia marcado para o anúncio oficial. Até este momento, Patrícia Bins conta que não havia percebido ou sentido a importância de tal homenagem. “Era como se o segredo absoluto impedisse sentir a verdadeira emoção”. Ao receber o troféu do ex-patrono Luiz Antonio de Assis Brasil, demonstrou que o título de Patronessa (ou Patrono) da Feira do Livro é a maior aspiração dos escritores que habitam o Rio Grande do Sul. O presi-

dente da Câmara Rio-Grandense do Livro, Paulo Ledur explicou que “toda grande obra precisa de suspense”, justificando assim o sigilo na revelação do nome escolhido. Luis Antonio de Assis Brasil lembrou que há décadas, a escritora trabalha pela literatura, de forma serena, tranqüila, perspicaz e constante. “Este é um momento muito bonito na vida de todos os escritores”, resumiu.

Patrícia Doreen Bins nasceu no Rio de Janeiro, filha de mãe inglesa e pai húngaro. Transferiu-se posteriormente com a família para Belo Horizonte e, já adolescente, para

Porto Alegre, onde se radicou definitivamente.

Graduada em inglês pela Michigan University, lecionou no Instituto Cultural Norte-Americano e no Yázigy. Cronista semanal no Correio do Povo, publicou também contos no

Caderno de Sábado, do mesmo jornal, bem como nos suplementos de cultura dos jornais O Estado de São Paulo e O Estado de Minas Gerais. Após, editou para a Folha da Tarde, de Porto Alegre, o suplemento cultural “Mulher” durante cinco anos.

Bibliografia

- O Assassinato dos Pombos, Metrópole, 1982

Trilogia da Solidão

- Jogo de Fiar, Nova Fronteira, 1983.
- Antes que o Amor Acabe, Nova Fronteira, 1984.
- Janela do Sonho, Nova Fronteira, 1987.

Trilogia da Paixão

- Pele Nua no Espelho, Bertrand, 1989.
- Theodora, Bertrand, 1991.
- Sarah e os Anjos, Bertrand, 1993.

Trilogia de Eros

- Caçador de Memórias, Bertrand, 1995.
- Demais volumes ainda não concluídos.

- O Resgate da Fábula, CS Zona Sul Editor, 1998

Livros Infantis

- O Dia da Árvore, Bertrand, 1995.
- Pedro e Pietrina, Bertrand, 1995.

Patrícia Bins tem contos publicados em várias antologias nacionais e internacionais, como *Rodizio de Contos* (Mercado Aberto, 1985), *International Anthology of Poetry and Prose* (New York, 1983), *Memórias de Hollywood* (São Paulo, 1988), *Landscapes of a New Land* (New York, 1989), entre muitas outras.



Entrega do troféu pelo ex-patrono Assis Brasil

Uma difícil decisão

A escolha do patrono da Feira do Livro é sempre um desafio e motivo de angústia para quem tem o compromisso de fazê-lo. Como eleger apenas um entre tantos que se destacaram, principalmente se levarmos em conta a diversidade de ângulos de julgamento e as preferências pessoais e subjetivas de cada juiz?

Mas há dois aspectos que amenizam nossa angústia: um é a certeza de que nada do que os homens fazem é justo por inteiro e a outra, nosso propósito, que é o de homenagear nessa escolha todos aqueles que fornecem à indústria editorial a mais preciosa das matérias-primas, resultado do melhor de seu intenso labor intelectual. Foi com essa preocupação que a diretoria da Câmara Rio-Grandense do Livro elegeram como patronessa da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre a escritora Patrícia Bins.

Temos para nós que o conjunto da obra de Patrícia Bins, os muitos e importantes prêmios conquistados e a consequente projeção nacional e internacional que granjeou para si e para a literatura rio-grandense justificam plenamente sua escolha.

Há também uma feliz e curiosa coincidência com o lema desta Feira: “O Mundo na Praça”. Nossa patronessa é gaúcha por adoção, mas nasceu no Rio de Janeiro, sendo filha de mãe inglesa e de pai húngaro. Como se vê, ela sozinha, por sua obra, é verdade, mas também por sua própria natureza, levará boa parte do mundo para a praça.

Paulo Flávio Ledur

A ARTE DO SABER

TELEVENDAS:
DDG: 0800-557880 ou
(011) 5084-3066
PAULUS Livraria - Coxias do Sul - Av. Júlio de Castilhos, 2029
Tel. e Fax: (054) 2218266 e 223-9478



Patrícia Bins é a patronesse da Feira

O patrono de 97, Luiz Antônio de Assis Brasil, disse que a escritora sempre estimulou novos talentos

A 44ª Feira do Livro de Porto Alegre, que ocorre de 30 de outubro a 15 de novembro, elegeu a escritora Patrícia Bins como patronesse. É a segunda mulher a receber o título na história da feira. Em 96, foi Lya Luft.

De acordo com o presidente da Câmara Rio-grandense do Livro, Paulo Ledur, houve uma feliz coincidência entre a origem da escritora e o lema deste ano: "O Mundo na Praça". Ela nasceu no Rio, mas é gaúcha de adoção, filha de mãe inglesa e pai húngaro.

ALEXANDRE MENDEZ

"Assim, não só pela sua respeitada obra, mas também por sua própria natureza, levará boa parte do mundo para a praça", observa Ledur. Curiosamente, neste ano, pela primeira vez, a diretoria da Câmara conseguiu manter sigilo absoluto do nome escolhido até o momento do anúncio oficial da Câmara, que ocorreu ontem no restaurante Il Gattopardo.

O seu primeiro livro individual foi uma coletânea de contos intitulado "O Assassinato dos Pombos". Seguiram-se os romances "Jogo de Fiar", "Antes que o Amor Acabe", "Janela do Sonho", "Pele Nua no Espelho", "Theodora", "Sarah e os Anjos", "Caçador de Memórias" e "O Resgate da Fábula". Dois infantis compõem a sua coleção: "O Dia da Árvore" e "Pedro e Pietrina".



Patrícia Bins disse que o livro e a palavra são tão necessários como respirar

ENTREVISTA

PATRÍCIA BINS

A Feira já tem anfitriã

A escritora, e jornalista Patrícia Bins é a patronesse da 44ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre artista plástica e pretende contribuir para o intercâmbio com autores estrangeiros e inserir o evento no circuito internacional.

STELLA MÁRIS VALENZUELA

□ A vida desta escritora, artista plástica e jornalista se entrelaça com sua obra. Até agora foram 12 livros. O primeiro - O Assassinato dos pombos, foi presente do seu grande amor, Roberto Bins, que selecionou algumas crônicas e ilustrou a publicação. Depois Patrícia Bins criou as trilogias da Solidão, da Paixão e de Eros. A última incompleta. Produziu dois livros infantis e, o mais recente, Brasil: receita de criar e cozinhar, está fazendo sucesso no Rio de Janeiro. Patrícia foi responsável por um Suplemento Cultural

do Correio do Povo, entre 68 e 84.

Sua criação literária rendeu diversos prêmios.

E agora está feliz por ser a patronesse da

44ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Ela é a terceira mulher a ocupar este lugar.

Em 80, foi Maria Dinorah e, em 96, Lya Luft.

Filha de mãe inglesa, Iris Holliday, e de pai húngaro,

Andrew Stroh. Patrícia nasceu no Rio de Janeiro e

veio mocinha para Porto Alegre. Mulher de cultura

inglesa e educação refinada, Patrícia Bins falou

durante duas horas para o Extra Classe.

Extra Classe - Quem é Patrícia Bins?

Patrícia Bins - Até os seis anos morei no Rio de Janeiro. Depois fomos para Belo Horizonte. Lá ficamos mais uns seis anos e viemos para Porto Alegre. Meu pai trabalhava numa firma americana e era um homem muito aplicado no trabalho. Eu guardei, como reliquia, a Carteira de Trabalho dele. Achei uma coisa tão bonita. Se via ali a grandeza dele. Ele era húngaro. Foi para Inglaterra estudar aos 18 anos e conheceu a

minha mãe. Se apaixonaram, mas os pais dela não queriam o casamento, porque ele era de outra nacionalidade e meu avô húngaro já tinha uma noiva destinada a meu pai. Eles casaram só no civil. Partiram para Paris e ficaram um ano, mas minha mãe não falava bem o francês. Então meu pai sugeriu a vinda para o Brasil. Embarcaram num navio e chegaram no Rio de Janeiro maravilhados com a paisagem. Moraram em Copacabana, na época mais bonita. Um ano depois eu nasci.

Tive esta primeira infância muito alegre e feliz. Aprendi a falar rapidamente. Em casa usávamos o inglês. Em húngaro, só aprendi a contar de um a dez. Eu era muito arteira e minha mãe não sabia o que fazer comigo, exceto contar estórias para me entreter. Ela resolveu me colocar numa escola particular de duas inglesas. Com cinco anos aprendi a ler, escrever, dançar, tocar piano, pintar, além do currículo normal. Tivemos uma vida maravilhosa. Passeávamos por Petrópolis.



Patrícia Bins está entusiasmada e prepara-se para receber os visitantes na Praça da Alfândega.

Num dos meus livros descrevo um piquenique daquela época. Minha irmã nasceu em Belo Horizonte, onde também fazíamos muitos passeios. Seguidamente visitávamos o Morro Velho, uma colônia inglesa. Muitas vezes ficava o fim de semana com uma família. A senhora se dedicava à jardinagem e culinária. Seu nome é Norah, com "h". Coloquei este nome em uma das minhas personagens.

EC - E a língua portuguesa, como entrou na sua vida?

PB - Fui matriculada no Colégio Americano de Belo Horizonte. Aprendi português, não podia viver num país sem escrever e ler corretamente sua língua. Como já sabia escrever e ler em inglês, em pouquíssimo tempo aprendi o português. Adorava estudar. Era quase uma obsessão. Tinha preferências por literatura, história das civilizações, música e dança. Piano não me fascinava tanto. Não gostava de matemática, mas me esforçava.

EC - Como foi a chegada a Porto Alegre?

PB - Viemos por mar. A minha irmã adorava o navio. Mas eu detestava, por causa do cheiro de vômito. Isto tudo, de uma forma ou de outra, está nos livros. Nos hospedamos no Grande Hotel. Um senhor chamado Adroaldo, nos recebeu com frutas da época - ameixas amarelas e vermelhas. Acho que era início do verão. Eu nunca tinha comido uma ameixa. Ficamos encantadas com as ameixas.

EC - Aqui a senhora também estudou no Colégio Americano, onde recebeu o primeiro prêmio?

PB - Ganhei dois prêmios nesta época. Não me lembro bem as datas. Minha cabeça e meus livros são alineares, embora a memória seja prodigiosa. Ganhei o Prêmio Joyce Almeida, uma moça falecida. Os pais dela destinaram todo o dinheiro de sua educação à aluna de destaque. E consistia em cobrir os custos da escola, durante um ano e mais o uniforme completo. No Colégio Americano tive a oportunidade de continuar praticando o inglês. As regentes eram americanas. Estava com uns 14 anos. Depois tive uma

ótima professora de francês. Ela não falava português. Foi um privilégio aprender o francês com ela. Desenho eu gostava muito.

EC - E sua formação acadêmica?

PB - Me formei em Belas Artes. Adorava História da Arte. Foi uma oportunidade maravilhosa. Meu marido, o arquiteto Roberto Bins também foi professor de História da Arte. A gente tinha muito assunto.

EC - Como foi sua iniciação literária?

PB - A primeira coisa que escrevi com um certo sentido foi uma poesia chamada O Beijo. Era um soneto, a antecipaço de um beijo adulto, nem sei de onde tirei. A minha mãe ficou horrorizada, pois só tinha nove anos. O primeiro prêmio foi o conto sobre um rapaz que se apaixonou por uma menina cega. Fiquei contente, sonhava em ser escritora.

EC - Além de artista plástica e escritora, a senhora também é jornalista...

PB - Trabalhei no Correio do Povo de 1968 a 1984. Não completei o curso de Jornalismo, porque meu marido ficou muito doente. Eu era responsável por um Suplemento Cultural, com poesias, contos, entrevistas e reportagens. Eram diversos escritores que colaboravam com este suplemento, entre eles Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Lya Luft, Laury Maciel, entre outros. Meu marido, meu filho e minha nora, Ivone Rizzo ilustravam o jornal.

EC - Nesta época surgiu o primeiro livro?

PB - O primeiro livro - O Assassinato dos pombos, foi um presente do meu esposo. Ele escolheu umas crônicas, fez as ilustrações e me deu no Natal.

EC - A partir daí surgiram as trilogias da Solidão, da Paixão e de Eros?

PB - Eu já estava escrevendo o Jogo de fiar, editado em 1983, pela Nova Fronteira. Antes publiquei o primeiro capítulo deste livro, como uma crônica. Mas num olhar mais detido percebi que poderia transformá-lo em livro. Produzia um livro por ano, e também recebia um prêmio a cada 12 meses.

EC - Até que ponto a senho-

ra introjetou a cultura gaúcha?

PB - Não gosto de chimarrão, prefiro chá inglês. Mas introjetei a arte dos gaúchos. Adoro muitos artistas gaúchos antigos e modernos, como Xico Stockinger, Vasco Prado, Lutzenberg pai - que era um grande escultor e foi meu professor -, Fernando Corona, Alice Briegemann e Alice Soares. A arte literária também, como por exemplo Dyonélio Machado e João Gilberto Noll. Louvo o Guaíba. Tenho o privilégio de vê-lo todos os dias. Quando tem poente é uma beleza. As cores são cambiantes, vão do dourado ao prateado, do bronze ao espelhado.

EC - Que autores lhe influenciaram?

PB - Minhas influências foram mais inglesas - Virginia Wolf, James Joyce.

EC - Qual a escritora brasileira que mais lhe atrai?

PB - Clarice Lispector. Ela tem um humor quase imperceptível. Brinca com as palavras. A Clarice mulher foi muito sofrida. Eu me dava bem com a Olga, que escreveu o último livro, quase juntando pedacinho por pedacinho, porque a Clarice não podia escrever com a mão direita. Ela tinha se queimado. *Esboço para um possível retrato* é o nome do livro.

EC - Até 1995, a senhora teve uma grande produção, então deu uma parada. O que houve?

PB - Meu marido estava muito doente. Ele faleceu no dia 29 de janeiro de 1997. Os últimos anos me dediquei muito a ele.

EC - Como é a Patrícia poeta?

PB - O mais recente livro era de poesia - *Instante do Mundo*. Mas minha editora do Rio alertou que poesia é difícil de comercializar. Só vende poetas como Carlos Drummond, João Cabral de Mello Neto, Ferreira Goulart, Marli de Oliveira e Mário Quintana. E os que musicaram suas poesias, como Vinícius de Moraes, Gilberto Gil, Tom Jobim, Caetano Veloso. Ela sugeriu que eu o transformasse em romance. Foi o que fiz. Com as primeiras palavras, de cada poema, construí uma espécie de epigrafe. Ficou um romance bastante bonito, também alinear, como é o meu feito. Ele está na editora. Não sei se vai sair este ano. Mas também produzi um outro com a Dileta Silveira Martins - *Brasil: Receita de Criar e Cozinhar*. A inspiração me veio do Proust. Ele gostava muito de comer coisas diferentes. Um certo dia, quando estava tomando um chá e comendo uns biscoitinhos amanteigados, molhou o biscoitinho no chá, para ficar mais macio. E quando deu a primeira dentada,



"Gosto de deixar bastante espaços em branco nos meus livros, para que os leitores possam dar suas opiniões."

veio num flash todos os volumes de *Em busca do tempo perdido*. Acho esta estória fascinante. Me ocorreu que a criação pode vir da memória gustativa. E assim eu sugeri para a Dileta, que a gente convidasse 55 autores brasileiros para criar esta obra. Todos aceitaram. O livro está sendo muito bem sucedido, principalmente no Rio de Janeiro.

EC - E quanto a Literatura Infantil?

PB - Queria perseguir este filão, porque não gosto de literatura moral para criança. Prefiro uma coisa mais solta, mais livre. Então pensei que talvez eu pudesse escrever uma coleção, com os mesmos personagens, mas com histórias diferentes, como eu faço com as trilogias. Mas daí me deu vontade de reformar o livro de poesias.

EC - Como se dá seu processo criativo?

PB - Meu sistema de escrever começa na cabeça. Deito e crio personagens, temas, acontecimentos - se é que se pode chamar de acontecimentos, ou não acontecimentos. Quando está mais ou menos pronto, começo a escrever à mão, pois a mão está diretamente ligada ao coração e à cabeça. Sinto que é uma forma de escrever. Depois a secretária faz a digitação.

EC - A senhora está vivendo um momento criativo. O que vem por aí?

PB - Não vem história infantil. Estou com o terceiro livro dos contos da trilogia de Eros por completar e tenho esperanças de poder escrever até o meio do próximo ano.

EC - Como é a Patrícia Bins mulher?

PB - Está em toda parte fa-

zendo as coisas mais banais. Tentando deixar que essas coisas banais fiquem valorizadas, pela maneira como são executadas. Na cozinha, a gente faz com afeto, para não ser uma coisa desmanchada. As contas eu detesto. Acho que tinham que inventar uma outra forma. Detesto esta coisa de que cada dia vence uma. O pagamento deveria ser todo na mesma data.

EC - A senhora é feminista?

PB - Não. Sou partidária de uma reforma do ser humano. Acho que o ser humano está dando para trás, embora tenha computador e Internet. A própria mulher não se encontrou ainda. Não tem espaço, ganha pouco e então não pode realizar as coisas que gostaria. Também há muita violência entre casais. A falta de equilíbrio assusta um pouco. Não sou feminista porque os homens são necessários. Mas penso - não é só homem que deve fazer política. Me parece que as mulheres têm mais jeito. A política não seria tão belicosa.

EC - Como a senhora recebeu a indicação para ser a patronesse da 44ª Feira do Livro de Porto Alegre? Esta indicação abre mais espaço para o feminino?

PB - Acho que sim. Recebi muitos telefonemas, não só de mulheres, mas de homens também. Eles estão respeitando esta distinção. Gostaria que todos pudessem ser patronos ou patronesses. Mas é só um de cada vez. Fiquei muito feliz. Um grande respeito está surgindo. Isto não aconteceria há 10 anos. Mas nós mulheres estamos batalhando na educação, na saúde.

EC - Quais os seus planos para a Feira?

PB - Vou recepcionar os visitantes, oriundos de várias partes do mundo. A idéia do Mundo na Praça me alegrou, vou ter a possibilidade de me comunicar em outros idiomas.

EC - Esta distinção veio num bom momento?

PB - Sim, estava muito triste com o falecimento do meu esposo. Parece até que foi interferência dele. Não tenho religião - mas a energia dele deve ter chegado em mim. Ele deve ter dito - tu tens de continuar. Não podes ficar triste, porque todos vamos morrer.

EC - A senhora tem filhos?

PB - Tenho dois filhos homens, um arquiteto e o outro artista plástico.

EC - E netos?

PB - A Helena com 18 anos é top model. Ela é a menina que não tive. O Cristiano com

17 anos, já trabalha e está cursando Comércio Internacional, na Unisinos, e a Gabriela com 11 anos.

EC - A cultura inglesa é forte na sua personalidade?

PB - Sonho em inglês, penso em inglês, escrevo um pouco em cada idioma. Vou escrevendo e ilustrando também. Gosto de deixar bastante espaços em branco nos meus livros, para que os leitores possam dar suas opiniões. Eles se tornam cúmplices e têm a possibilidade de mudar o que não gostam.

EC - O que a senhora diria a seus leitores?

PB - Para os que têm filhos, que os incentivem, desde cedo a ler, porque a leitura é como respirar. Para aqueles que não têm filhos, que leiam eles próprios e não fiquem muito ligados à televisão, pois esta está sendo um substituto para o livro.

A OBRA

- O assassinato dos pombos, Metrópole, 1982

TRILOGIA DA SOLIDÃO:

- Jogo de fiar, Nova Fronteira, 1983

- Antes que o amor acabe, Nova Fronteira, 1984

- Janela do sonho, Nova Fronteira, 1987

TRILOGIA DA PAIXÃO:

- Pele nua no espelho, Bertrand Brasil, 1989

- Theodora, Bertrand Brasil, 1991

- Sara e os anjos, Bertrand Brasil, 1993

TRILOGIA DE EROS

- Caçador de memórias, Bertrand Brasil, 1995

- O resgate da fábula - CS Zona Sul Editora

LIVROS INFANTIS

- O diário da árvore, Bertrand Brasil, 1995

- Pedro e Pietrina, Bertrand Brasil, 1995

LIVRO MAIS RECENTE

- Brasil: receita de criar e cozinhar

Segundo caderno, 1 nov. 1990.

JÚLIO CORDERO/ZH



CAMPANHA PELA REELEIÇÃO

Ler é descobrir



– Estou lançando a reeleição do patrono – anunciou no sábado o escritor e ex-patrono da Feira do Livro de Porto Alegre Moacyr Scliar, em encontro no Clube do Comércio que reuniu o atual, Décio Freitas, e três ex-patronos: Scliar (87), Maria Dinorah (89) e Patricia Bins (98).

Scliar apresentou Décio Freitas como um “intelectual moleque” e disse que nas edições anteriores da Feira era muito chato ser patrono.

– Agora o Ledur (*Paulo Flávio Ledur, presidente da Câmara Rio-grandense do Livro*) consegue fazer com que não chova mais – comparou. Décio Freitas lembrou a sua atuação como historiador e disse que a História não é só ciência, “é uma forma de militância pela liberdade”.

Jornal Correio do Povo, 1998.

RICARDO GIUSTI

Toque feminino

Apesar de a Feira do Livro existir desde 1955, só dez anos depois começou-se a escolher patronos, que chegam em 1998 a 34. Destes, só três mulheres: Maria Dinorah (89) (C), Lya Luft (96) (E) e Patricia Bins (D), este ano. A experiência, para a atual patronesse, é inigualável: ela conversa com o público, distribui autógrafos, tira fotografias e torna mais pessoal o contato entre leitor e escritor. **Página 10**



98

Jornal Ponto & Vírgula, 13 nov. 1998.

04a0264-98

EDIÇÃO DA FEIRA

Porto & Vírgula



Número 13

Porto Alegre

13 de novembro de 1998

JORNAL
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

Patrícia Bins: presença diária na Feira - Viagem ao redor



do meu quarto - Escritos Esquisitos - Revelações de Masha

APB 01 0319
SIST. 5209F